

**UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO
PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO-SENSU EM
CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA**

**A MULHER E AS PRÁTICAS ESPORTIVAS
Causas da não-adesão feminina aos esportes coletivos com bola**

**Por
Zander R. W. Lins**

**PROJETO DE PESQUISA APRESENTADO
COMO REQUISITO À OBTENÇÃO
DO TÍTULO DE MESTRE EM CIÊNCIA DA
MOTRICIDADE HUMANA**

**Rio de Janeiro
2007**

ZANDER R. W. LINS

A MULHER E AS PRÁTICAS ESPORTIVAS

Causas da não-adesão feminina aos esportes coletivos terrestres com bola

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciência da Motricidade Humana da Universidade Castelo Branco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência da Motricidade Humana.

Orientador Prof^o Dr. Manoel J. G. Tubino.

Rio de Janeiro

2007

UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO
PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM CIÊNCIA DA
MOTRICIDADE HUMANA

A DISSERTAÇÃO: A MULHER E AS PRÁTICAS ESPORTIVAS: CAUSAS DA NÃO-ADESÃO FEMININA AOS ESPORTES COLETIVOS TERRESTRES COM BOLA

Elaborado por ZANDER R. W. LINS

Para aprovação de todos os membros da Banca Examinadora, com aceitação da Universidade Castelo Branco e homologação do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, como requisito à obtenção do título de

MESTRE EM CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA

Data _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Manoel José Gomes Tubino

Presidente

Prof. Dra. Fernanda Barroso Beltrão

Prof. Dra Yara Lacerda

DEDICATORIA

Dedico este trabalho aos meus filhos Fernando e Gabriel, fontes de motivação e inspiração maior para a execução desta tarefa que, certamente, servirá como exemplo para que no futuro possam se espelhar na busca do crescimento e aperfeiçoamento pessoal e profissional.

À minha esposa Flávia e todos os familiares por compreenderem os vários momentos de ausência devido aos compromissos para com esta pesquisa.

E consagro esta empreitada, especialmente à minha mãe Niriléa, pelos bons exemplos que sempre me ofereceu como professora dedicada, de perseverança, honestidade e, entre tantos outros, o belo gesto humanista de doar-se ao próximo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Zanoni e Niriléa, pela valorosa educação familiar e moral que me proporcionaram e pelo constante incentivo à minha formação e aprimoramento profissional.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação, desde as séries iniciais até o presente momento. Ao professor Dr. Tubino, em especial, por iluminar o caminho por mim percorrido até aqui, com sua luz própria, e pelo exemplo de dedicação profissional à educação física e ao esporte no âmbito social.

Aos professores companheiros mestrandos que durante o percurso dividiram horas de estudo e dedicação no cumprimento das tarefas.

Agradeço a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para o cumprimento desta jornada.

“Pensando bem, que mais poderia alguém no mundo desejar do que olhar nos olhos das baleias, conversar com as gaivotas sobre os azimutes da vida, procurando durante cem dias e cem noites um único objetivo e, subitamente, tê-lo diante dos olhos, ao alcance dos pés, numa tranqüila tarde de terça-feira?”

(Amyr Klink – Velejador)

RESUMO

LINS, Zander R. W. - **A MULHER E AS PRÁTICAS ESPORTIVAS**. Causas da não-adesão feminina aos esportes coletivos com bola.

O objetivo deste estudo foi identificar possíveis causas da não-adesão da mulher, entre 20 e 35 anos, acerca da prática de esportes coletivos com bola como forma de lazer (futebol, basquete, voleibol e handebol). O método utilizado foi o estudo exploratório do tipo Survey, através de entrevista pessoal junto a 140 mulheres, em seis *shoppings centers* da cidade do Rio de Janeiro e no comércio e orla de Copacabana. O instrumento utilizado na coleta de dados foi o questionário, aplicado através de entrevista junto ao sujeito ao qual era solicitado que, após a leitura das vinte e uma questões abordadas, indicasse em ordem decrescente de importância as seis causas mais relevantes de sua não-adesão, em cada um dos locais visitados para, posteriormente, identificar as três causas mais incidentes. O tratamento de dados foi orientado pela estatística descritiva e as variáveis foram tratadas por análise de frequência com representação por tabelas ou gráficos conforme preconizado por Costa Neto (2002). Nestes casos, a significância das frequências foi avaliada através do teste Qui-quadrado. Para verificação de possíveis diferenças das frequências entre as respostas utilizou-se o teste de Kruskal-Wallis. O estudo admitiu o nível de significância de 0,05. Os resultados demonstraram que as três principais causas da não-adesão à prática de esportes tradicionais com bola foram a falta de tempo livre, de motivação e de companhia e não foram encontradas diferenças significativas apontadas pelas voluntárias quando se comparam os locais envolvidos no estudo. Isso permite concluir que as obrigações profissionais, que a vida moderna impõe, distanciam a mulher da prática esportiva como forma de lazer.

Palavras-chave: esporte e mulher, práticas esportivas, esportes coletivos, não adesão feminina, educação física.

ABSTRACT

LINS, Zander R. W. **WOMEN AND THE PRACTICE OF SPORT.** Causes of the non-adhesion of women to collective sports with a ball.

By

Zander R. W. Lins

The object of this study was to identify possible causes for the non-adhesion of women, between the age of 20 and 35 years, to the practice of collective sports with a ball as a form of leisure (soccer, basketball, volleyball and handball). The method used was the exploratory type of Survey study, through personal interviews with 140 women, in six shopping's malls in the city of Rio de Janeiro and in the commercial centers and along the Copacabana beach. The instrument used for the collection of data was the questionnaire, applied through an interview with questioned the subject and, after, in each of the locations visited, it was asked to read the twenty-one questions broached and indicated, in the decreasing order of importance, so the 6 most relevant causes for their non-adhesion to, later, identify the 3 most incident causes. The treatment of data was orientated by descriptive statistics and the variables were treated for analysis of frequency with representation by tables or graphics as commended by Costa Neto (2002). In these cases, the significance of the frequencies was evaluated through the Qui-squared test. For the verification of the possible differences in the frequencies between the answers, the Kruskal-Wallis test was used. The study admitted the significance level of 0.05. The results demonstrated that the three principal causes of non-adhesion to the practice of traditional sports with the ball were lack of free time, lack of motivation and lack of company and, significant differences indicated by the volunteers were not encountered when comparing the locations involved in the study. This permitted the conclusion that professional obligations imposed by modern life distance women from the practice of sport as a form of leisure.

Key words: women and sport, sport practice, collective sport, feminine non-adhesion, physical education.

LISTA DE TABELAS

Teste não-paramétrico de Kruskal-Wallis.....	84
Teste não-paramétrico Qui-Quadrado.....	85

LISTA DE GRÁFICOS

Freqüência de Respostas – Barra <i>Shopping</i>	76
Freqüência de Respostas – Center <i>Shopping</i>	77
Freqüência de Respostas - Norte <i>Shopping</i>	78
Freqüência de Respostas – Madureira <i>Shopping</i>	79
Freqüência de Respostas – Tijuca <i>Shopping</i>	80
Freqüência de Respostas - Rio Sul <i>Shopping</i>	81
Freqüência de Respostas – Copacabana.....	82
Freqüência Geral – As causas mais pontuadas.....	83
Freqüência das 6 causas mais citadas.....	83
Freqüência das 3 causas mais citadas.....	83
Freqüência de Profissões – As mais citadas.....	84

SUMÁRIO

CAPITULO I – O PROBLEMA E O ESTUDO	12
Introdução do Problema.....	12
Objetivos do Estudo.....	22
Objetivo Geral.....	22
Objetivos Específicos.....	23
Justificativa e Relevância do Estudo.....	23
Delimitação do Estudo.....	25
Questão do Estudo.....	25
Conceitos Básicos do Estudo.....	27
CAPÍTULO II – REFERENCIAL DE APOIO AO ESTUDO	29
Mulher, Lazer, Atividade Física e Esporte: Aspectos Históricos e Interpretações.....	29
Gênero, Cultura e Identidade.....	40
A sexualidade na Ótica do Gênero.....	44
O lazer como Objeto de Posicionamentos Intelectuais de Organismos Internacionais do Esporte e da Educação Física.....	49
O Lazer como Forma de Exercício dos Direitos às Práticas Físico-Esportivas.....	51
A Educação Física e seu Compromisso contra a Discriminação e a Exclusão Social.....	54
CAPITULO III – METODOLOGIA	57
Tipo de Pesquisa.....	57
Esquema e organização do Desenvolvimento da Pesquisa.....	59
Seleção de Amostra.....	60
Perfil sócio-econômico dos bairros.....	61
Instrumentos.....	72
Tratamento Estatístico.....	74
CAPITULO IV- APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	75
Apresentação dos Resultados.....	76
CAPITULO V – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
BIBLIOGRAFIA	94
ANEXOS	96

CAPÍTULO I

O PROBLEMA E O ESTUDO

Introdução do Problema

Ao abordar a problemática relação mulher e esporte, no contexto histórico-cultural, pôde-se perceber a importância do fenômeno esporte como eficiente instrumento de inclusão sociocultural. A prática voluntária e sistemática de atividades físicas e esportivas, como forma de lazer, tem a função de promover o desenvolvimento físico e mental do ser humano além de proporcionar a socialização e melhoria da qualidade de vida por meio de uma cultura sócio-esportiva.

A luta das mulheres por avanços nos diversos segmentos sociais tem sido árdua, porém vitoriosa. Ainda que haja espaço para outras conquistas, o avanço alcançado, especialmente no segmento esportivo, é significativo e crescente, mesmo diante dos preconceitos vigentes referentes à fragilidade do sexo e das relações de poder provenientes da construção cultural que ainda incomodam as mulheres, notadamente aqueles vinculados aos estigmas, imagens e formas corporais veiculados pela mídia.

Desde a Antigüidade houve um engajamento gradativo da mulher no campo do esporte, vindo a receber relevância principalmente na segunda metade do século XX. A condição da mulher seguiu, paralelamente aos outros segmentos da sociedade, conforme as oscilações políticas, econômicas e socioculturais de cada etapa histórica.

A dificuldade de participação da mulher no esporte verificou-se ainda através de lendas e mitos sobre a masculinização do corpo. Assim, foram criados estigmas e concepções que definiram o arquétipo da mulher esportista.

A exclusão feminina advém dos tempos da Grécia Antiga, onde as mulheres eram impedidas de participar e assistir aos Jogos Olímpicos da Antigüidade. Neste particular, este fato foi insuficiente para impedir a insurgência por parte de algumas mulheres como Ártemis que, na visão Mitológica, segundo Alonso:

Culturalmente, a deusa associada ao esporte é Ártemis. Ártemis é descrita como uma caçadora solitária, com muito senso prático, atlética e aventureira, que aprecia a cultura física, a solidão, a vida ao ar livre e os animais, dedicando-se à proteção do meio ambiente, aos estilos de vida alternativos e às comunidades de mulheres (*in*: SIMÕES, 2003, p.40).

A autora, ao não aceitar os valores gregos antigos, ressalta que o esporte possibilita à mulher demonstrar, dentro das variáveis e dos valores aceitos pelo universo masculino, uma função social igual ou superior à do homem, ao derrubar falsos estereótipos associados à fraqueza física e psicológica.

Na cidade de Olímpia, eram realizados jogos atléticos exclusivos aos homens, portanto era vetada a participação feminina em qualquer modalidade esportiva. Posteriormente, as disputas esportivas foram extintas devido a vinculação excessiva com a religião e a conquista da Grécia pelos romanos.

A reduzida participação esportiva feminina, em relação à masculina, advém da polêmica gerada pela relação conflituosa mulher e esporte e confunde-se com os primeiros Jogos Olímpicos, onde os homens competiam nus e as mulheres eram proibidas de assistir às competições.

Na Idade Média, com o comportamento fortemente influenciado pela Igreja Católica, ainda era vetado às mulheres o direito à prática esportiva.

Segundo Luzuriaga (1981), no final da Idade Média, o aumento populacional e o progresso agrícola, promoveram o êxodo rural, que acarretou o crescimento das cidades e do comércio. Este crescimento favoreceu o fortalecimento das relações interpessoais e a aderência da população em jogos, esportes, competições eqüestres e aquáticas.

Os esportes praticados atualmente, coletivos ou individuais, são entendidos como manifestações sociais e culturais do povo. Os países procuram desenvolver ao máximo a prática do esporte amador, uma vez que o mesmo é considerado um meio de desenvolver sua cultura.

Nos dias atuais o esporte apresenta-se organizado, com modalidades conhecidas e praticadas mundialmente por meio de regras e espaços próprios, assim como jogadores, pontuações, aspectos táticos, sistemas de jogo, formas de disputa, torcida etc.

Embora os jogos olímpicos envolvam somente provas de alta competição, eles exercem grande influência no esporte popular e no esporte escolar, por meio do chamado efeito imitação. Em geral, depois de uma olimpíada, cresce o número de praticantes das modalidades esportivas que obtiveram mais sucesso e foram divulgadas pela mídia (TUBINO, 1999, p. 52).

Ao longo do tempo a mulher superou gradativamente barreiras de caráter sócio-esportivo. Rótulos, estigmas, preconceitos e discriminações permearam a exclusão feminina em diversos contextos histórico-culturais.

Os papéis sociais de pouco destaque ou hierarquicamente inferiores remeteram a mulher aos preceitos de uma construção histórico-cultural não-contributiva para a sua emancipação sócio-esportiva.

Alonso (*in*: SIMÕES, 2003) destaca que há menos de 25 anos, mulheres que manifestavam interesses esportivos eram desprezadas pela sociedade e acrescenta que:

muitas são as mulheres que fazem exercícios apenas para satisfazer um ideal de beleza oriundo da propaganda e dos desejos masculinos. Mas a quantidade de mulheres independentes e autoconfiantes que, buscam no esporte uma oportunidade de realização vem crescendo em progressão geométrica (p.45).

A partir de observações feitas quanto à adesão à prática esportiva, de ambos os sexos, em áreas públicas de lazer da cidade do Rio de Janeiro, percebeu-se um efetivo masculino superior ao feminino. O fato suscitou, como justificativa importante para o estudo, o levantamento de dados quantitativos de praticantes de esportes de ambos os sexos, nas dimensões do esporte educacional, social e de desempenho.

As diferenças percentuais encontradas, desfavoráveis às mulheres, motivaram a investigação das causas da não-adesão feminina aos esportes tradicionais coletivos terrestres com bola (futebol, basquete, voleibol e handebol) como lazer.

Ainda na problematização do estudo, considera-se importante abordar a relação da mulher com os esportes, no âmbito do lazer, e o elo com a Ciência da Motricidade Humana.

A mulher e as práticas esportivas no âmbito do lazer, e as causas da sua não-adesão, estão relacionadas à Ciência da Motricidade Humana, que, no conceito de Beresford (*in*: BELTRÃO, 1999, p, 39), é a dimensão do saber interdisciplinar e transdisciplinar que, através dos mecanismos cognoscitivos da pré-compreensão fenomenológica e axiológica e da explicação fenomênica, estuda as múltiplas possibilidades intencionais das condutas motoras do ser do homem em sua vida.

Para Beresford (*in*: BELTRÃO, 2000), o Homem deve ser investigado através de uma perspectiva de um “ser ou de um dever ser” em movimento ou em suas condutas, comportamentos motores ou motrizes, utilizando como referência uma

cronologia histórica e filosófica da humanidade para a apropriação de um conceito de corpo, corporeidade e motricidade. Acrescenta ainda que:

[...], um sujeito cognoscente poderá, a partir de sua consciência intencional, investigar alternativamente uma determinada conduta ou comportamento motor como objeto de estudo natural, físico ou psíquico, como objeto ideal, um objeto cultural, um objeto axiológico ou um valor (p.43).

O homem cria, através de sua ação no mundo, o que Beresford (1999) classifica como “sobremundo”: o mundo da cultura.

Esta dimensão de mundo, do homem, originada do fazer, da ação ou do agir do próprio homem resulta do aspecto da moralidade própria, que se resume no interesse pela cultura e pela filosofia dos valores.

A partir da visão acerca da moralidade masculina, surge o viés, com o estudo da cultura e filosofia dos valores que correspondem às carências humanas manifestadas na cultura.

A cultura originada determina os padrões de comportamento, através dos quais os indivíduos enfrentam os obstáculos impostos pela natureza, que deverão ser enfrentados e resolvidos, transformando o mundo da natureza em um mundo humanizado e culturalizado que faz com que o homem inscreva nele uma ordem de valores humanos, uma reorganização de acordo com suas carências e respectivos valores.

O cenário esportivo atual requer, em relação à mulher, ações que estimulem a difusão de uma cultura que favoreça o aumento da adesão feminina ao esporte, como prática voltada para o lazer e para a qualidade de vida.

A práxis do profissional de educação física, a partir do ambiente escolar, e sua possibilidade de formar e transformar o ser pensante em cidadão crítico e autônomo, deve, de forma prevalente, servir como instrumento que favoreça a inclusão sócio-esportiva da mulher.

No contexto da cultura esportiva, Tubino (2001, p. 15), acrescentou que esta compactuava com o preconceito à adesão feminina, e que:

o esporte, com o seu conceito compromissado com as suas perspectivas na educação, na participação das pessoas comuns e também no rendimento, em situações específicas, inclusive quanto às finalidades, e visto como direito de todos, passou a merecer novas abordagens e estudos para que sua dimensão social seja realmente entendida.

A busca do conhecimento dentro das mais variadas possibilidades de interpretação, associada a uma forma particular de abordagem ou em função da carência institucional de um processo coletivo intrínseco do ser do homem, passa a transformar um determinado assunto em um objeto de estudo, a partir da intencionalidade consciente de investigação.

O Homem se diferencia dos demais seres da natureza devido à sua consciência intencional, que promove, através da busca do conhecimento, a transformação do objeto de estudo em fato ou fenômeno.

O Homem, centro de todo processo investigativo, princípio, meio e fim; é a vida, a existência, a corporeidade e a Motricidade do ser do Homem, que vive em permanente estado de carência, privação ou vacuidade é o objeto teórico e formal do estudo.

No cerne das questões que envolvem as relações existentes entre a mulher, o esporte e o lazer, entende-se que o praticante de esportes é o objeto formal de estudo da Ciência da Motricidade Humana, mais especificamente como objeto sócio-cultural ao verificar, analisar, interpretar e classificar suas condutas motoras intencionais. O praticante de esportes na perspectiva do lazer encontra-se em permanente estado de necessidade oriunda de suas carências, privações ou vacuidades que precisam ser entendidas e supridas.

A principal necessidade é a de caráter sócio-cultural e está relacionada às

causas da não-adesão feminina à prática de esportes tradicionais coletivos terrestres com bola (futebol, basquete, vôlei e handebol) como forma de lazer.

Os objetos teóricos e práticos, representados por diferentes possibilidades de operacionalização das condutas motoras, tornam-se possíveis em função da intencionalidade operante da consciência ou da consciência intencional do sujeito cognoscente. Isso porque, em termos de conhecimento humano, não há fatos e/ou fenômenos em si mesmos, mas apenas os que o homem, em estado de carência, consegue captar da realidade para suprir tal carência.

Desta maneira, tudo aquilo que o Homem consegue compreender, captar, absorver ou apreender da realidade só é possível porque, única e exclusivamente, é o ser, entre os demais seres da natureza, dotado de uma consciência intencional.

Nasce, portanto, um “valor” da conduta motora (o esporte como lazer) que é atribuído à melhora da qualidade de vida devido ao alívio das tensões e do estresse causados pela rotina diária e que ainda promove o autoconhecimento, além de suprimir de forma positiva as carências e necessidades individuais de seus praticantes.

Este valor, de acordo com J.J. Mendes (*apud* BERESFORD, 1999, p.125) é classificado como “valores ideais-individuais”, originados dos próprios limites biológicos e psicológicos de cada indivíduo.

Emerge ainda um outro “valor”, que se origina através da interação/socialização com diversas pessoas e com a natureza durante as atividades em locais como praias, parques e praças públicas, definidos por J. J. Mendes (*apud* BERESFORD, 1999, p.114) como “valores de entrosamento social que objetivam, em última análise, a estrutura coletiva, na qual o homem nasce, vive e morre”.

As múltiplas possibilidades intencionais de interpretação da mulher praticante de esporte, na perspectiva do lazer (objeto formal de estudo) e de sua conduta motora (prática esportiva), são operacionalizadas de forma interdisciplinar e transdisciplinar:

- A forma interdisciplinar indica que a produção do saber, desenvolvida por profissionais de diversas áreas do conhecimento, como educação física, pedagogia, sociologia deve ser inserida no contexto específico da Motricidade Humana por meio da indispensável interação entre os objetos de estudo dessas áreas aos objetos de estudo da Ciência da Motricidade Humana;

- A forma transdisciplinar indica que, por mais que algumas das áreas de estudo comentadas anteriormente consigam uma total interdisciplinaridade com a Ciência da Motricidade Humana, tal área não conseguirá abranger toda a identidade desta última, porque sempre haverá uma outra possibilidade interdisciplinar de inserção de uma outra área.

O próprio autor desta pesquisa obteve algumas referências (informações nos anexos) quanto ao número de praticantes, de ambos os sexos, dos esportes abordados neste estudo, as quais estão expostas abaixo:

1 – Esporte Educacional

a) Dados coletados em Clubes Escolares da Prefeitura do Rio de Janeiro (Anexo IV);

b) Levantamento do quantitativo de alunos-atletas em Jogos Estudantis da Prefeitura do Rio de Janeiro (Anexo V);

2 – Esporte Social

a) Vilas Olímpicas da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (Anexo VII);

3 – Esporte Lazer

a) Registros quantitativos originados a partir de observações feitas em áreas públicas de lazer da Cidade do Rio de Janeiro (Anexo X);

4 – Esporte de Desempenho

a) Dados obtidos junto à Federação de Basquete – RJ, (Anexo VIII);

b) Dados obtidos junto à Federação de Handebol – RJ, (Anexo IX);

c) Quadro da evolução participativa de Homens e Mulheres em Olimpíadas (Anexo X).

Por este conjunto de informações pôde-se perfeitamente perceber que a prática esportiva masculina entre jovens e adultos no Rio de Janeiro é maior que a feminina, o que justifica ainda mais a pesquisa desenvolvida.

A partir da pré-compreensão da concepção sobre esporte e lazer existentes em nossa sociedade e dos aspectos que envolvem a participação feminina, surgiu o

problema central deste estudo: identificar as causas que levam mulheres, com idade entre 20 e 35 anos, a não aderir às modalidades esportivas coletivas terrestres com bola, como forma de lazer na cidade do Rio de Janeiro.

A compreensão fenomenológica do objeto formal do estudo (mulheres não-praticantes de esporte lazer) está relacionada ao aspecto sócio-cultural da vida existencial do praticante de esporte na perspectiva do lazer que, em sua maioria, não incorporou o hábito do lazer através do esporte devido a alguma(s) carência(s). E ainda está associada à corporeidade da mulher que, por meio do corpo, assume a sua presença e lugar na história.

Para Siebert (*in*: ROMERO, 1995, p.19), o estilo de vida dos indivíduos é modificado pelo avanço industrial da sociedade, que produz e reproduz valores, relações interpessoais e modos de consumo, em concordância com as forças organizacionais do lazer dominantes em uma determinada cultura, a partir de um ideal corpóreo.

Portanto, as práticas sociais são impostas aos indivíduos, que se submetem aos estímulos transmitidos e recebidos do mundo de forma pré-estabelecida.

É importante que se destaque que a compreensão fenomenológica também está associada à circunstância e a facticidade, pois, para que o objeto formal do estudo transcenda a seus problemas existenciais, ele necessita tomar um caminho autêntico.

O homem, nesse sentido, torna-se então o artífice da sua própria história.

O estudo permitiu identificar carências da mulher, de ordem sócio-culturais, que parecem contribuir para o baixo índice de adesão feminina ao esporte como prática de lazer, verificado em relação ao homem.

O esporte possui inúmeros aspectos que o justificam como possuidor de

relevância social. Dentre estes, encontra-se a relação entre o esporte e o direito à prática esportiva, como fator de novas dimensões sociais para o esporte (TUBINO, 2001).

O foco do estudo – A mulher e o esporte na perspectiva do lazer – contido na linha de pesquisa: Aspectos Sócio-Culturais da Motricidade Humana e no projeto de pesquisa: Dimensões Sócio-Culturais do Esporte permitem investigar, entre outros aspectos e possibilidades “O esporte lazer ou de participação” e “A mulher e o esporte”, que estão inseridos no projeto de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Ciência da Motricidade Humana, da Universidade Castelo Branco (BELTRÃO, 2000).

Este estudo investigou as causas da não-adesão da mulher aos esportes tradicionais coletivos terrestres com bola (futebol, basquete, vôlei e handebol) como lazer, e apoiou-se em dados quantitativos da participação feminina, em relação ao contingente masculino, no âmbito dos esportes educacional, social, e de desempenho, com a finalidade de confirmar a inferioridade na adesão esportiva feminina.

Objetivos do Estudo

Objetivo geral

- Verificar as possíveis causas da não-adesão da mulher, na faixa etária entre 20 e 35 anos, acerca da prática de esportes tradicionais, coletivos e terrestres com bola (futebol, basquete, voleibol e handebol) como forma de lazer, na Cidade do Rio de Janeiro.

Objetivos Específicos

- Levantar historicamente a participação da mulher em práticas esportivas;
- Obter, junto à literatura existente, explicações para as questões das relações de gênero, de aspectos sócio-culturais e da sexualidade que tenham interseções com o estudo;
- Evidenciar a influência das relações de poder como fator de exclusão feminina das atividades esportivas;
- Destacar a participação dos organismos internacionais, nacionais e de intelectuais que promovem o esporte e a Educação Física;
- Verificar, dentre as causas indicadas para a não-adesão feminina ao esporte lazer, quais as mais freqüentes.

Justificativa e Relevância do Estudo

O presente estudo justificou-se pela necessidade de obtenção de mais informações sobre os motivos que distanciam a mulher do esporte e pela importância da identificação das causas que levam a este quadro, além de fornecer indicativos que favoreçam a inclusão sócio-esportiva feminina.

Em acordo com os princípios da inclusão e da participação no esporte como forma de lazer; a identificação das carências responsáveis por proporcionar um real

chamamento da mulher ao esporte é de suma importância, desta forma, contribuir para um aumento progressivo do número de praticantes de esportes do sexo feminino em relação ao sexo masculino na perspectiva do lazer.

A pesquisa desenvolvida deveu-se à importância das relações que o fenômeno esporte desenvolve junto à sociedade, os benefícios proporcionados para quem dele se utiliza e, especialmente, em relação às possibilidades que oferece à mulher de desenvolver-se de forma integral, no sentido de emancipação nos aspectos motor, social, esportivo, profissional ou no âmbito do lazer para a promoção da saúde e a melhoria da qualidade de vida.

Esta investigação teve, ainda, como importante fundamentação, a necessidade de uma melhor compreensão sobre as influências que o poder exerce nas relações entre homens e mulheres.

A prática esportiva pode, neste sentido, proporcionar ao praticante do sexo feminino minimizar os efeitos do poder masculino, construído ao longo da história nas relações sócio-culturais entre os gêneros.

Portanto, as manifestações esportivas no âmbito do esporte lazer, devem contribuir para a redução da diferença entre o quantitativo de esportistas do sexo feminino em relação aos do sexo masculino, conforme dados levantados neste estudo em relação a estes percentuais.

Este estudo denota, sobretudo, importância ao destacar a atividade física e o esporte como agentes constituintes do fenômeno educativo e sócio-cultural, de valor inquestionável (CÓDIGO DE ÉTICA, CONFEF/CREF, 2003) e, por consequência, fator determinante para a inclusão sócio-esportiva feminina.

Delimitação do Estudo

A pesquisa foi delimitada pela investigação em seis *Shoppings Centers* da Cidade do Rio de Janeiro, no centro comercial e na orla do bairro de Copacabana, com um número limitado de sujeitos.

As respondentes, como condição primordial à pesquisa, não deveriam ser praticantes de modalidades esportivas coletivas terrestres e com bola - futebol, vôlei, basquete e handebol – como forma de lazer. O futsal e o vôlei de praia, não especificados na pesquisa, foram compreendidos na abrangência do próprio futebol e vôlei, respectivamente.

Apoiados na literatura existente, não foram consideradas diferenças profissionais, econômicas, ideológicas, políticas, culturais ou religiosas dos sujeitos envolvidos na pesquisa, como fatores de impedimento dos mesmos à participação no estudo.

Questão do Estudo

O estudo teve por questão básica responder:

- Que fatores contribuem para a não-adesão de mulheres, com idade entre 20 e 35 anos, aos esportes tradicionais, coletivos e terrestres com bola (futebol, basquete, vôlei e handebol) como prática de lazer?

Em busca de identificar as principais causas da não-adesão feminina aos esportes tradicionais, coletivos e terrestres com bola supracitados, na dimensão do lazer, optou-se pela técnica da abordagem direta e aplicação do instrumento

questionário, junto a mulheres com idades compreendidas entre 20 e 35 anos, freqüentadoras de *shoppings centers* e do centro comercial e orla do bairro de Copacabana.

Com base nos pressupostos que levam a uma inferioridade numérica de praticantes de esportes do sexo feminino em relação ao contingente masculino, foi realizado um levantamento prévio sobre o quantitativo de ambos os sexos, no âmbito dos esportes educacional, educação, social, lazer e de desempenho, como suporte importante ao estudo, e que serão apresentados nesta pesquisa.

No entanto, esta investigação relacionou, principalmente, os esportes educacional e escolar ao objetivo principal do estudo, por se acreditar ser um fator de fundamental importância para a aquisição do hábito da prática esportiva na infância a ser consolidado na adolescência e incorporado na idade adulta.

É lugar comum que a escola é um ambiente onde se estabelecem valores para uma educação voltada a uma melhor qualidade de vida, através da prática esportiva de maneira autônoma e democrática, como forma de lazer.

Foram abordadas, também, questões relacionadas às relações entre os gêneros em um contexto histórico-cultural, como fator determinante para o baixo índice de adesão feminina no universo esportivo.

A escola, a educação física, a cultura, o esporte, o poder, a mídia, a sexualidade, a discriminação e a insurreição são algumas das vertentes que as relações entre os gêneros abrangem e que devem ser consideradas em um estudo desta natureza por estarem diretamente ligadas à trajetória percorrida pela mulher no contexto sócio-esportivo e histórico-cultural.

Conceitos Básicos do Estudo

- **Esporte** – Fenômeno sócio-cultural, cuja prática é considerada direito de todos, e que tem no jogo seu vínculo cultural. É na competição o seu elemento essencial, o qual deve contribuir para a formação e aproximação dos seres humanos ao reforçar o desenvolvimento de valores como a moral, a ética, a solidariedade, a fraternidade e a cooperação, o que pode torná-lo um dos meios mais eficazes de convivência humana (TUBINO, 1999).

- **Esporte educacional** – Manifestação educacional que exige conteúdos fundamentalmente educativos. Deve privilegiar no âmbito pedagógico, a integração social, o desenvolvimento psicomotor e as atividades físicas educativas, contribuindo para o desenvolvimento da personalidade do educando e da formação do cidadão político, civil e social, preparando para o lazer e o exercício crítico da cidadania numa esfera humanista (TUBINO, 2001).

- **Esporte lazer** – Também chamado de esporte-participação, caracteriza-se, principalmente através da ludicidade, pelo bem-estar social do praticante, pelo predomínio do não-formal em relação ao espaço e o tempo para a sua prática. Por ser a dimensão social do esporte mais democrática, promove a integração e favorece o lazer aos que dele participam (TUBINO, 2001).

- **Lazer** - De acordo com a Associação Mundial de Lazer e Recreação, no 5º Congresso Mundial de Recreação e Lazer, o lazer (inclusive o jogo) é o tempo que, de forma autônoma e limitada, o ser humano dispõe para a busca de experiências

significativas sem ferir as normas e valores da sociedade com a valorização do desenvolvimento social e individual (*WORLD LEISURE RECREATION ASSOCIATION*, 1998).

- **Esporte de Desempenho** – Dimensão social do esporte que exige complexa organização e investimentos estreitamente ligados à iniciativa privada. Regido por regras preestabelecidas por organismos internacionais, objetiva a vitória, favorece os atletas de talento não tendo características democráticas. Proporciona espetáculos esportivos que favorecem possibilidades sociais positivas e negativas, tais como intercâmbio-cultural internacional, postos de trabalhos especialmente ligados ao esporte e geração de turismo entre outros aspectos positivos, ou, a violência e o negócio dentre os negativos (TUBINO, 2001).

CAPÍTULO II

REFERENCIAL DE APOIO AO ESTUDO

Mulher, Lazer, Atividade Física e Esporte: Aspectos Históricos e Interpretações

Ao longo do tempo a trajetória sócio-esportiva feminina sempre foi caracterizada como secundária e de submissão em relação ao homem, fruto de um processo histórico cultural no âmbito mundial. A imagem corporal da mulher, estereotipada pela sua estrutura frágil – como produto do estilo de vida –, tradicionalmente fez com que esta assumisse papéis de pouco destaque na sociedade ou hierarquicamente inferiores sendo a ela delegadas tarefas do lar, nem sempre se permitindo desfrutar de atividades físicas, de lazer ou esportivas.

Nos dias de hoje, com a emancipação feminina, nota-se uma efetiva participação de mulheres em vários segmentos da sociedade como no mercado de trabalho, no lazer, na política e nos esportes, de forma crescente.

No contexto esportivo brasileiro os nomes de Maria Ester Bueno, tenista consagrada no exterior e Maria Lenk, primeira mulher brasileira a participar de uma olimpíada, são alguns dos ícones do esporte feminino que influenciaram as gerações seguintes na conquista por novos espaços.

Na época em que ainda era colônia, o Brasil não dispunha de normas esportivas.

Segundo Tubino (2002, p. 19).

[...] naquele período somente existiram práticas esportivas com caráter utilitário pelos índios e colonizadores: o arco e flecha, a natação, a canoagem, as corridas, as caminhadas, a equitação, a caça e a pesca. Os objetivos dessas práticas esportivas relacionavam-se com as guerras e com a própria sobrevivência dos praticantes.

Durante o período conhecido como “*Belle Époque*” na cidade do Rio de Janeiro, o lazer, segundo Gomes (1998), era privilégio das mulheres da elite carioca e restringia-se aos clubes e salões ou saraus em casas de famílias de prestígio, movidos à arte, literatura e música e seguidos, mais tarde, de outras atividades como jogos de cartas e danças, de forma regular, inspirados nos moldes culturais oriundos da França.

Como conseqüência, as mudanças observadas nos hábitos femininos foram gradativamente alçando a mulher do seio do lar para atividades de rotina na rua. O Trabalho ou o lazer suscitaram na mulher maiores preocupações com a aparência, o que, a exemplo do modelo europeu, estimulou os padrões estéticos e da moda, com reflexos na melhoria da aparência e o ressaltado da sexualidade. O embelezamento, a publicidade dos institutos de beleza, o comércio da estética e as preocupações com a moda, segundo a autora, sempre em consonância com o modelo francês, fizeram parte do processo de emancipação da mulher.

No entanto, apesar das evoluções trazidas pela modernidade, o ideário predominante moldava um estereótipo de mulher frágil e de homem forte, tanto no aspecto físico quanto no emocional; a “elas” eram recomendados a ginástica e exercícios respiratórios que estimulassem a elegância, como o canto, a declamação e a dança. A valorização do esporte e do condicionamento físico provocou, então, mudanças nos hábitos familiares acerca dos conceitos inerentes à imagem e o culto ao corpo, culminando com a projeção social feminina.

[...] as mulheres das elites que praticavam o turfe eram consideradas avançadas para a sua época, pois lançavam a moda de ser jóquei. Apareciam vestidas com terno e gravata, claro, sobre forte influencia da moda européia. As mulheres das elites encaravam o esporte como uma forma de diversão, realizavam corridas para exibir-se como um mero espetáculo. Para a imprensa, essas mulheres representavam a possibilidade de emancipação e modernidade, pois elas inovaram nesse campo (GOMES, 1998. p.26).

A transição entre os séculos XVIII e XIX suscitou uma demanda por atividades físicas que beneficiassem a maioria da população, como alternativa às práticas corporais destinadas à elite. O fato proporcionou, ao fim do século XIX, a integração da ginástica no ensino oficial.

Surge então, na esteira dos anseios pela promoção de uma política de saúde popular, um projeto de exercícios físicos, pedagógicos e fundamentados higienicamente, que proporcionavam ao corpo liberdade, autonomia e prazer em harmonia com a natureza à sombra de valores severos de ordem e moral quanto ao controle dos comportamentos.

De acordo com Gomes (1998), na virada do século XIX, vários autores discursaram a favor da participação feminina em atividades físico-esportivas, espelhados no modelo europeu como apropriado às mulheres da elite brasileira da época, por se identificar com os aspectos da modernidade.

A autora (*op.cit.* p.14) se referencia em Sobrinho em seu contributo ao aperfeiçoamento da educação física feminina, propôs a regeneração racial, ao afirmar que “somente o exercício modificador, higiênico e plástico pode desenvolver o organismo e ir, aos poucos, gradativamente, regenerando a raça, por esse natural processo evolutivo”.

Por sua vez, Azevedo também é citado por Gomes (*op.cit.*) como precursor e promotor da educação física no país, em sua obra "A evolução do esporte no Brasil", que reprovava o fato de mulheres não desfrutarem da prática de atividades físicas, ao afirmar que: "a educação física seria um conjunto de hábitos higiênicos, capaz de fazer a mulher gerar belos filhos se também nelas se despertasse o gosto pelos esportes"; e ressalta que um das causas do afastamento feminino da prática esportiva é fruto da dicotomia existente entre força física e feminilidade.

As civilizações ainda não se desembaraçaram dos preconceitos a não ser na Inglaterra e nos Estados Unidos, em que as jovens fortes, encontravam na natação, no remo e na dança clássica uma fonte de energia e um instrumento modelador das formas. E também na convicção errônea da incompatibilidade entre o desenvolvimento muscular e a "beleza, entre a força física e a graça" (GOMES, 1998, p.11).

A idéia de educação, como meio de transformação de um país, revelou-se de forma expressiva nas idéias das elites modernistas. Rui Barbosa foi um dos referenciais mais expressivos deste pensamento ao acentuar a importância da saúde e da educação para a melhoria da sociedade.

Rui Barbosa (1947) produziu trabalhos referentes aos conceitos de uma educação pública e estatal popular. Portanto, a educação escolar funcionaria como artífice e moldaria, de acordo com os ideais de liberdade humana, a grande massa popular: "o povo".

Assim sendo, o autor, ao defender a prática da educação física escolar no Brasil, indicou uma série de medidas para que a educação física servisse como instrumento promotor de saúde, higiene física e mental, educação moral e de regeneração ou reconstituição das raças, tais como:

- Instituição de uma secção especial de ginástica em cada escola normal.
- Extensão obrigatória de ginástica a ambos os sexos na formação do professorado e nas escolas primárias de todos os graus, tendo em vista, em relação à mulher. A harmonia das formas feminis e as exigências da maternidade futura.
- Inserção da ginástica nos programas escolares como matéria de estudo, em horas distintas das do recreio, e depois das aulas.

- Equiparação, em categorias e autoridade, ginástica aos de todas as outras disciplinas.

Apesar do discurso de caráter eugênico, ficou evidente que a educação física brasileira, em suas primeiras reflexões, não excluiu a mulher, pelo contrário, esta foi enaltecida.

Tubino (2002) relata que nos anos precedentes ao período conhecido como Estado Novo surgiram no Brasil as principais modalidades esportivas, entre elas o basquetebol e o futebol. A partir de 1920, o Brasil começou a participar regularmente de competições internacionais e o futebol despontou como o esporte mais popular, causando grandes conflitos esportivos.

Neste período, o Estado interviu no esporte para conter a desordem, e iniciou-se a normatização do esporte brasileiro, com o Decreto - Lei nº. 3199 de 14/04/1941 - primeira legislação esportiva do país - que além do futebol, atingiu todas as modalidades esportivas praticadas no Brasil, surgindo então o Conselho Nacional de Desportos (CND).

No entanto, de acordo com os relatos de Castellani Filho (1986), a justificativa para a contra-indicação da prática de alguns esportes por mulheres está inserida neste mesmo Decreto Lei nº. 3.199, em seu artigo 54.

Às mulheres não se permitirá à prática de esportes incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito o Conselho Nacional de Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades esportivas do país (CASTELLANI FILHO, 1986).

Conforme Mourão (1998), diante do quadro emancipatório feminino que se apresentava no campo sócio esportivo, Mario Filho idealizou a primeira olimpíada feminina do Brasil. Realizada no Rio de Janeiro em 1949 e intitulada “Jogos da Primavera”, contou com a participação de várias instituições de ensino e clubes e

contribuiu para a adesão feminina ao esporte com o objetivo de propagar a prática esportiva entre as jovens.

Entretanto, as olimpíadas femininas, com cobertura do Jornal dos *Sports*, ao mesmo tempo em que enalteciam e incentivavam a participação feminina, através dos benefícios estéticos proporcionados por atividades físico-esportivas como natação, vôlei, marcha a pé, ciclismo, golfe, tênis e corridas, contra-indicavam outras modalidades esportivas, por não serem adequadas ou proibidas à mulher como o futebol e as lutas.

Mourão (1998) analisou discursos jornalísticos da época e identificou distorções conflitantes quanto à participação feminina nos esportes. O que “a ela pode e convêm diante de sua sensibilidade, fragilidade, maternidade e feminilidade”, a respeito da “Nota Feminina” publicada no Jornal dos *Sports* (03/10/1948 p.04). E afirma que:

por outro lado, a mesma Nota Feminina destaca praticas físico-esportivas diferenciadas, com exposição moderada do corpo da mulher, aconselhando e orientando as mulheres a respeito dos possíveis benefícios dessas praticas, mostrando preocupações em relacionar tais práticas com a estética feminina. Os cuidados com a beleza e a leveza estão associados ao encantamento feminino e são onipresentes no discurso jornalístico e nos valores da sociedade da época (p.170).

A autora ressalta que o poder exercido pela cultura masculina, dominante à época, protegia a mulher da violação de sua estética corpórea e da ameaça à sua graciosidade e beleza, representadas pela prática de exercícios.

Neste sentido, Mourão (*in*: VOTRE, 1996, p.64) percebe um “aprisionamento” da expressão corporal feminina, um cerceamento da liberdade do corpo, inscrito através de ordens simbólicas de sujeição na cultura masculina de dominação e poder; sob a tutela da igreja católica patriarcalista a diferenciar os papéis femininos e masculinos de acordo com poder e prestígio e do Estado, ao validar a condição do

homem trabalhador, chefe de família. Em contrapartida a mulher, imbuída da manutenção da família e do lar, era impedida de realizar-se pessoal ou profissionalmente.

É notória, desta forma, uma construção identitária pautada por diferenças biopsicológicas relacionadas às aptidões produtivas e aos papéis sociais desempenhados, que dificultavam a transformação do imaginário feminino em relação às práticas sócio-esportivas.

Percebe-se, então, que o consenso predominante na sociedade da época, notadamente masculina, consolidou na trajetória histórica da mulher os mitos da maternidade, domesticidade, passividade, submissão e sujeição que revestiam as tentativas de emancipação. O discurso pregava a normatização do corpo e da alma, o tolhimento ameaçador do poder nas relações de gênero no seio familiar.

À luz das idéias de Foucault (2003), sobre estas relações, o poder normatizador deve tornar o corpo dócil para torná-lo produtivo, subserviente e submisso.

Entre as décadas de 30 e 50, Mourão (1998) relata que as principais mudanças se verificaram no âmbito das representações e das práticas periféricas e sociais - participar, competir, vencer, superar expectativas, quebrar regras e normas e confrontar - inicialmente para uma minoria, através dos discursos de Maria Lenk, Yara Vaz e Aida dos Santos, ícones do esporte nacional.

De acordo com a autora, neste período, o estado incentivou a eugenia e a estética. A mulher ainda era representada como reprodutora mãe e dona de casa. Porém, com o surgimento de novos espaços para a prática esportiva, proliferaram-se os bailes e danças, fatos que contribuíram para o início da libertação do corpo

feminino que passou a escolher o seu cônjuge, durante o segmento temporal que engloba os anos 30, 40 e 50, conhecido como “os anos dourados”.

Nesta perspectiva é possível interpretar que, sob a égide do patriarcado, a mulher brasileira estava inserida em uma sociedade que lhe infligiu um constrangimento físico e moral, que teve como suporte de repressão a Igreja e o Estado. Deste modo, o discurso vigente apontava o exercício físico feminino com o objetivo de uma gestação saudável com a finalidade de gerar indivíduos fortes e saudáveis. À mulher era preconizada uma educação de qualidade inferior, com perfil doméstico, em prol da família.

Portanto, estes procedimentos perpetuaram o poder instituído ao sexo masculino, determinado a partir das diferenças constituídas nas relações entre os gêneros que determinam padrões comportamentais e sociais consolidados.

No cerne das idéias de Mourão (1998), as representações sociais da mulher brasileira nas atividades físico-esportivas, entre 1870 (período caracterizado pela exclusão feminina) e 1950 (momento em que se verificou um processo generalizado de democratização do acesso feminino ao esporte) culminaram com a realização da primeira olimpíada feminina, ocorrida no Rio de Janeiro em 1949.

O século XIX caracterizou-se por importantes avanços científicos. Nesta fase, homens e mulheres elitistas foram separados aos poucos, e instaurou-se um código quanto aos seus redutos e suas relações com diferentes afazeres, principalmente quanto à utilização do tempo livre e dos ambientes freqüentados, o que contribuiu para a distinção do público e do privado, delineando fronteiras nas relações de poder entre os gêneros.

Na Europa, segundo Hobsbawn (1995), os movimentos feministas emergidos durante o século XIX suscitaram mudanças na vida da mulher. A insubordinação ao

patriarcado, a organização da mão-de-obra assalariada e a autonomia do indivíduo civil promoveram um novo modelo de sociedade que buscava a equalização das oportunidades em relação ao sexo masculino.

Hobsbawn (1995) intitula este período como a “Era de Ouro” que, baseada na mais avançada pesquisa científica, despontava de modo ascendente para a economia mundial após a depressão do pós-guerra.

No Brasil, no mesmo período, apesar do modelo europeu ter sido apresentado com ares de modernidade (a França era o modelo), à mulher da elite ainda não era permitido assumir a posição de sujeito.

Mourão (1998) relata que, no Brasil, a exemplo dos grandes centros europeus e dos Estados Unidos, entre os séculos XIX e XX, o discurso vigente era caracterizado pelo cunho social da prática físico-esportiva feminina, na figura de agentes especializados nas áreas de saúde, educação, militar e religiosa, que exerciam forte influência sobre a construção social da atividade física feminina.

as preocupações giravam em torno da preparação de uma mulher para o seu papel social fundamental, que era de reprodutora. Formar um povo higiênico era o objetivo do estado, que pensava salvar sua população e atingir de toda forma a moral da família nacional, tendo a mulher como sujeito responsável por esta função. A diferença é que nos Estados Unidos e na Europa houve movimentos de mulheres no sentido de desmistificar a idéia da fraqueza feminina para a prática de atividades físico-esportivas, e também a de que estas atividades eram incompatíveis com a reprodução (p.12).

A pesquisadora postula que não houve na história da emancipação esportiva feminina um confronto explícito em busca do espaço social e, sim, um processo lento de inserção; consolidado através da interação com segmentos masculinos da vanguarda social e submetido a um controle normativo que, ao mesmo tempo em que inseria, impossibilitava a mulher de emancipar-se acerca das práticas físico-esportivas. A autora (*op.cit.*) reporta-se, ainda, às atividades físico-esportivas como raro privilégio em relação às questões de gênero nas dimensões política, religiosa,

artística, trabalhista e literária para a manifestação do poder masculino ao apoio familiar.

Considerando o que se discorreu até o presente momento é possível inferir-se que, no discurso de atletas e praticantes de atividades físicas, são raros os manifestos que associem tais atividades às lutas e movimentos sociais femininos e, não menos, na literatura histórica sobre a relação mulher e esporte no Brasil, não se percebem fatos ligados a movimentos de resistência feminina, ou feminista, em eventos esportivos. No entendimento de Mourão (1998), é possível concluir que as mulheres não se empenham, efetivamente, em quebrar ou diminuir a hegemonia masculina no Brasil. Não há projetos, no movimento dos direitos da mulher brasileira, no que se refere ao campo esportivo.

Concluindo, na ótica de Mourão (*op.cit.*), o indivíduo é fruto do meio social do qual se origina, e que vai se sucedendo, organizando e formando, através das gerações, formas de conhecimentos e ações impostas aos indivíduos e determinadas por razões históricas, econômicas e ideológicas, mecanismos de perpetuação e reprodução dos grupos dominantes e que as representações periféricas associadas à mulher no esporte passaram e passam por profundas transformações.

[...] são desejos de emancipação, projetos de equalização de gênero, que manifestam tendências a: a) contestação, revolta, desobediência, quebra de contrato, quer da parte dos grupos dominados, quer da parte dos grupos de líderes políticos, educadores, religiosos, jurídicos, artísticos e intelectuais orgânicos que se incluem nesses movimentos; b) inscrição, infiltração por uma via não contestadora, suave, menos ríspida, não confrontativa (MOURÃO, 1998, p, 28).

Com a industrialização e a conseqüente elevação no nível de vida, as famílias, então, passaram a desfrutar de hábitos modernos e tiveram como

conseqüência o aumento do tempo livre para as mulheres, que passaram a se dedicar às atividades de lazer.

Por fim, é senso comum, que a participação em esportes e atividades físicas promove, além de estados psicológicos positivos em relação ao próprio corpo, a melhora da auto-estima, o desenvolvimento do caráter e a socialização, e ainda proporciona aos jovens um instrumento de realização não disponível aos indivíduos sem inclinação para a prática esportiva.

Estes fatores podem significar que a participação em esportes e atividades físicas durante a adolescência pressupõe a autonomia quanto à adesão a essas práticas durante a fase adulta e a inatividade na juventude tende à não-adesão na idade adulta. Com base nestas informações, pesquisas enfatizam que os motivos do abandono da prática de esportes e atividades físicas e a conseqüente diminuição do índice de participação entre as mulheres durante a adolescência merecem investigação e entendimento mais aprofundados.

De acordo com Myotin (*in*: ROMERO, 1995), as razões do declínio no índice de participação feminina nos esportes e atividades físicas durante a adolescência têm sido investigadas em estudos sobre a socialização feminina nos esportes. Entretanto, há divergências quanto às razões e a idade mais provável em que o declínio se inicia. Nessas pesquisas, o tema mais debatido tem sido as constrictões psicológicas e sociais impostas pela imagem da feminilidade, o que é considerado um comportamento apropriado de gênero.

Notam-se, então, mudanças nas atitudes relacionadas à participação feminina no meio esportivo nas últimas décadas, porém, a sociedade ainda observa o esporte como uma atividade orientada e dominada pelo homem.

Investigações revelam que interesses e conflitos com outras atividades são as maiores razões pelas quais os adolescentes interrompem seu envolvimento em esportes Myotin (*in*: ROMERO, 1995).

Neste sentido, este fator pode ser explicado pelo motivo de que, à luz das idéias da autora, com o avanço da idade, os adolescentes têm menos tempo livre e mais oportunidades e interesses em relação à prática de atividades físicas não-atléticas. Assim sendo, o abandono da prática esportiva pode surgir devido ao interesse por tais atividades e pela falta de tempo disponível.

Gênero, Cultura e Identidade

Ao investigar a condição sócio-esportiva da mulher em relação ao homem, convém compreender melhor as abordagens sobre os estudos de gênero e suas vertentes diante das possibilidades de ruptura quanto aos dogmas que se constituíram em paradigmas dominantes. Estas manifestações exerceram influência nos modelos culturais observados em diferentes locais e períodos acerca dos comportamentos identitários feminino e masculino.

Como exemplo de rompimento paradigmático, Hobsbawn (1995) nos reporta às artes, em que destaca o surrealismo.

Ao contrário das vanguardas "modernistas" dominantes, como o dadaísmo, não se interessava pela inovação formal como tal. "Se o inconsciente se expressava num fluxo aleatório de palavras ("escrita automática"), ou no meticuloso estilo acadêmico do século XIX em que Salvador Dali (1904-89), pintava seus deliqüescentes relógios em paisagens desertas, pouco importava. O que contava era reconhecer a capacidade da imaginação espontânea, não medida por sistemas de controle racional, para extrair coesão do incoerente, e uma lógica aparentemente necessária do visivelmente ilógico ou mesmo impossível (p. 180).

Neste contexto, o corpo social, principalmente a mulher, deve procurar romper paradigmas de ordem estética numa tentativa de equalizar as diferenças entre os gêneros, renegar as vanguardas modernistas dominantes, impostas ao ideário estético feminino pelas diferentes formas de poder, como a mídia, por exemplo.

Em alusão ao exemplo relatado por Hobsbawn (1995), a mulher deve, então, buscar a sintonia com o presente e com a modernidade, não se sujeitar às formas coercivas de poder e procurar, através da imaginação espontânea e da autonomia, aderir às práticas físico-esportivas como modelo de lazer para a melhoria da qualidade de vida, sobrepondo-se a estes sistemas.

Segundo o historiador, o acelerado processo de desenvolvimento econômico dos países avançados, entre as décadas de 40 e 60, fez com que aumentasse o número de empregos. À exceção dos EUA, os reservatórios de mão-de-obra preenchidos durante a depressão pré-guerra e a desmobilização do pós-guerra se esvaziaram e atraíram novos contingentes de mão-de-obra da zona rural e de imigrantes estrangeiros; assim sendo, “mulheres casadas”, mantidas até então fora do mercado de trabalho, nele ingressaram de forma crescente.

A urgência com que se deu a abertura do espaço profissional à mulher possibilitou, além da socialização, romper preconceitos e discriminações históricas em busca da emancipação profissional e sócio-esportiva.

O fato possivelmente colaborou para a eclosão dos movimentos feministas emergidos de países como Inglaterra, França e Estados Unidos nos anos 80, citados por Scott (1995), sobre os conceitos de gênero vigentes nestes países.

Para a autora, a palavra “gênero” começou a ser utilizada pelas feministas como forma de referir-se à organização social da relação entre os sexos e

acrescenta que, na gramática, gênero é entendido como uma maneira de classificação de fenômenos; um sistema de distinções socialmente acordados, mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados.

As considerações de Scott (1995) sobre gênero ecoam de forma coadunante com as de Louro (2000), quando esta afirma que:

observar os corpos de meninos e meninas, avaliá-los, medi-los, classificá-los, dar-lhes, a seguir, uma ordem; corrigi-los sempre que necessário, moldá-los às convenções sociais fazer tudo isso de forma a que se tornem aptos, produtivos e ajustados, cada qual ao seu destino. Um trabalho incessante, onde se reconhecem – ou e produzem – divisões e distinções. Um processo que, ao supor “marcas” corporais, as faz existir, inscrevendo e instaurando diferenças (p.61).

Estas diferenças, portanto, são conjugadas de modo convergente entre as autoras quanto ao termo “gênero” que, para Scott (*op.cit.*) soa como indicativo de rejeição ao determinismo biológico implícito na utilização de termos como “sexo” ou “diferença sexual”.

Percebemos que o objetivo desta assertiva é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas diversas épocas e sociedades, ao identificar o seu sentido e a forma de funcionamento para a manutenção e modificação da ordem social a fim de transformá-la.

Para Louro (2000) as “marcas corporais” determinam a identidade como uma atribuição cultural, pois os corpos são significados, representados e interpretados culturalmente nas diferentes sociedades ou grupos que podem atribuir diferentes significados às características físicas, dando importância ou não a elas, que têm seu significado modificado ao longo da existência das culturas e dos sujeitos.

Nesta linha de raciocínio, Louro (2000) questiona os significados atuais de uma cultura atribuídos a uma aparência corporal pré-determinada e a importância da indagação sobre os processos históricos e culturais que possibilitaram valores diferentes acerca de certas características que passaram a ter maior relevância do que outras.

Tudo indica que o processo de atribuição destas “identidades” ocorre em meio ao jogo de poder, que atribui também diferenças, é produzido em meio a disputas, supondo classificações, ordenamento e hierarquias que ocasionarão sempre processos de diferenciação.

Dessa forma, Louro (2000) acrescenta que o corpo não serve como indicador definitivo e conclusivo das identidades, pois ele é maleável, fala múltiplas línguas, tem muitos significados, engana e ilude.

Conclui-se então que, tanto a história que já foi escrita, como a que está por ser escrita, permeiam aspectos importantes em relação à mulher, seja em relação à experiência pessoal e subjetiva, ou nas atividades públicas e políticas, pois, ao analisar as categorias de classe, raça e gênero, o pesquisador deve levar em consideração o sentido e a natureza das desigualdades de poder.

Por fim, parafraseando a autora (*op.cit.*), devem ser promovidos questionamentos de forma que provoquem abalos ou, talvez, transformações, para que se possa analisar, não apenas a relação passada entre a experiência masculina e a experiência feminina, mas também a vinculação entre a história passada e a prática histórica presente.

A Sexualidade na Ótica do Gênero

O termo gênero não deve servir para explicar diferenças biológicas do tipo: mulheres servem para reproduzir a espécie e homens são mais fortes, e sim como o indicador de constructos sociais, dos papéis próprios aos homens e às mulheres; uma forma de referência às origens sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres (LOURO, 2000).

A partir das alegações da autora, o gênero pode ser definido como uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado, um meio de distinção da prática sexual dos papéis atribuídos à mulher e ao homem, ao enfatizar todo o sistema de relações que pode incluir, mas não ser determinado pelo sexo, nem determinar a sexualidade.

Ao afirmar que gênero e sexualidade constituem-se em dimensões extremamente articuladas, Louro (*op.cit.*) sugere uma distinção, pois, a partir da identidade sexual se chega à identidade social e o gênero se constrói fundamentalmente a partir das diferenças entre os sexos no seio da sociedade. Desta forma, as identidades de gênero emergem das várias formas de viver a masculinidade ou a feminilidade.

Nesta ótica, o conceito de sexualidade é utilizado para se referir às variantes em que os sujeitos vivem seus prazeres, desejos ou fantasias sexuais, determinando o relacionamento entre as identidades sexuais e as possibilidades existentes na parceria quanto à fantasia e prática do jogo do sexo.

Entretanto, as teorias dos estudos feministas apontam gênero e sexualidade como sendo constructos sociais, culturais e históricos não havendo, no entanto, senso comum quando se trata da sexualidade.

Nos relatos de Louro (2000), a sexualidade é abordada em três dimensões: primeiro, o determinismo biológico, formulado pela autoridade médica e autenticado pela ciência a propor uma matriz biológica compartilhada por todos os seres humanos, independentemente de classe, raça, gênero, nacionalidade e religião constituindo, desta forma, um pilar biológico para a sexualidade e também sua origem, seu núcleo ou essência; segundo, numa perspectiva essencialista, atribui a origem da sexualidade a impulsos ou pulsões inatos, mesmo não reconhecidos biologicamente.

De forma estrita é tido como um atributo inerente e universal, como a essência ou a base da experiência e da vida sexual de todos os seres humanos; e, em terceiro lugar, numa interpretação extra-determinismo e essencialismo, surge a sexualidade como produto cultural, pois, “afirma-se que os sujeitos aprendem, no interior da cultura, determinados comportamentos e atitudes que, naquele ambiente, são considerados adequados para expressar seus impulsos e desejos sexuais” (LOURO, 2000).

Louro denomina, ainda, esta perspectiva como “modelo de influência cultural”, afirma ser este o modelo que dominou o campo da antropologia durante o século XX, e ressalta a perspectiva do construcionismo social como contraponto à vertente essencialista, ao afirmar o caráter construído, histórico e particular localizado na sexualidade e acentuado nas práticas sexuais, similares aparentemente, porém com significação diferente em culturas diferentes.

Em seus estudos sobre a sexualidade Louro (*op.cit.*) se referencia em Foucault (1979) que, a respeito da sexualidade, afirma ser necessário melhor compreendê-la através dos discursos que sobre ela se fizeram e se fazem, e, saber como o sexo foi objeto de discurso, que instâncias produziram os discursos.

Scott (1995) também se apóia em Foucault ao destacar que a sexualidade é produzida em contextos históricos, convergindo suas idéias com as de Louro (2000), que afirma que linguagens, crenças, fantasias, códigos sociais, desejos inconscientes, atributos biológicos, culturais e sociais constituem a sexualidade.

Sob esse olhar, as identidades sexuais passam a ser entendidas como nas relações sociais de poder, em complexas articulações e em múltiplas instâncias sociais. Tais fatos indicam que as identidades precisam ser compreendidas sob uma ótica política.

Nomeadas no contexto da cultura, experimentam as oscilações e os embates da cultura; algumas gozam de privilégios, legitimidade, autoridade; outras são representadas como desviantes, ilegítimas, alternativas. Enfim, algumas identidades são tão “normais” que não precisam dizer de si; enquanto outras se tornam “marcadas” e, geralmente, não podem falar por si (LOURO, 2000, p. 67).

Em relação às identidades, a autora nos informa que é possível afirmar que estas são constituídas em relação umas às outras, inscrevendo-se nas diferenças, com uma relação de interdependência. No entanto, mesmo considerando a relação constitucional que representa qualquer identidade, percebe-se que algumas servem de referência central às demais de forma cultural.

A despeito disso, estas identidades são tidas como normais, básicas e hegemônicas, diferindo-se das outras por contraponto ou comparação.

No Brasil, é freqüente a afirmação da vivência em uma sociedade multicultural, em encobrir divisões e conflitos que a constituem ao operar explícita e implicitamente com uma identidade-referência: “o homem branco, heterossexual, de classe média, urbano e cristão” (LOURO, 1998, *apud* LOURO, 2000, p. 68).

Porém, para a investigadora, as identidades que se constituem fora deste senso comum são classificadas como “outras identidades” por não se constituir na

norma, no padrão e critério, e esta norma por si só é a própria identidade suposta, presumida.

Entretanto, a identidade que foge à norma, diferencia-se do padrão, torna-se “marcada”, pois contraria o óbvio e, como tal, comparada ao modelo e olhar hegemônico, muitas vezes, não responde por si própria, e assume assim uma falta de identidade. Portanto, são construídas sob o prisma masculino.

Para Scott (1995), os sistemas ocidentais dominantes configuram uma divisão evidente entre masculino e feminino.

De acordo com Louro (2000),

A identidade masculina branca heterossexual é o exemplo mais acabado da invisibilidade de normas. Ela é, por excelência, não-problemática. Para muitos, ela não é somente a identidade normal, mas é antes de tudo “natural”. Apenas muito recentemente, em consequência da maior divulgação dos estudos feministas e do crescimento da teorização homossexual, é que se passou a interrogar também sua produção (p.69).

Isto significa que, esta identidade “padrão” é, contudo, o foco principal desde os primeiros anos de vida na sociedade, de um modo geral. Especialmente na família e na escola, servem como um empreendimento que visa assegurar o pertencimento da categoria heterossexual, que em princípio deveria acontecer naturalmente.

Dessa maneira, por não haver garantias para tal consolidação da identidade, busca-se um processo de “heteronormatividade”, no qual a vigilância dos corpos parte do exterior, da obediência às regras, aos preceitos ou códigos vigentes com repulsa à homossexualidade ou o feminismo por parte dos corpos dos meninos.

As identidades, todavia, são construídas não só na diferença, mas também “são constantemente desestabilizadas por aquilo que deixam de fora” (STUART HALL *apud* LOURO, 2000, p. 70).

O fato é que o centro da construção das identidades é o corpo, onde se inscreve e, por conseguinte, se pretende ler a identidade dos sujeitos. O corpo feminino, historicamente marcado, moldado e alterado por discursos distintos e práticas disciplinadoras, permanece ainda hoje como o alvo mais visível e o mais claro representante da sexualidade.

Neste contexto, o corpo serve de abrigo a uma ambivalência historicamente atribuída através de representações antagonicamente divergentes que mesmo assumindo outras designações, ainda aponta para uma divisão e um sistema classificatório que demonstra a sexualidade como referência.

Louro (2000) nos informa ainda que, na escola, uma identidade é sempre definida em relação à outra, no contraponto de sua afirmação e inscreve-se uma diferença em relação à outra. Há ainda, no “epicentro” deste terremoto, que são as relações de gênero, as identidades tidas como modelo, referência para as demais; representadas como “normais”, básicas, hegemônicas - comparadas às “outras”, são qualificadas como diferentes.

No ambiente escolar, tanto a estrutura funcional quanto a *epísteme* disciplinar foram produzidas sob o prisma masculino heterossexual, deixando à margem os saberes, experiências e os problemas das mulheres e dos grupos homossexuais, ou seja, como uma “gama ampla e diversificada de artefatos lingüísticos”: um livro didático, uma lei educacional, um guia curricular, uma fotografia, uma ilustração, um filme, uma intervenção oral-docente ou discente em sala de aula (SILVA, *apud* LOURO, 2000, p. 73).

A professora ressalta que as práticas cotidianas, arranjos físicos, distribuição espacial e temporal dos indivíduos inscrevem e reafirmam, continuamente, como marcas das diferenças sexuais e de gênero e nas observações quanto às situações

cotidianas vividas no ambiente educacional, especialmente nas aulas de educação física em que certos gestos ou movimentos e determinadas atividades podem denotar um caráter, por vezes, feminino para ser realizado por meninos, sendo por eles negados.

A partir deste prisma, é possível afirmar que estas vertentes funcionam como fatores determinantes na classificação da identidade sexual do indivíduo, de maneira a direcioná-lo a um determinado grupo social, em função de sua origem cultural e preferência por certos hábitos, modismos ou diferentes formas de linguagens.

O Lazer como Objeto de Posicionamentos Intelectuais e de Organismos Internacionais do Esporte e da Educação Física

Os Documentos relacionados à educação física e o esporte, organismos internacionais, determinaram uma nova ordem nos conceitos do esporte. Tubino (2001) informa que o movimento precursor deste processo de revisão foi o Manifesto Mundial do Esporte (1964), editado pelo “*Conseil Internationale d’ Èducation Physique et Sport*” (CIEPS), da UNESCO, assinado por um Prêmio Nobel da Paz (Sir Phillip Noel Baker).

Este foi o primeiro documento a apontar o esporte para além do rendimento, ao demonstrar a existência do esporte nos âmbitos escolar e de lazer, este último, aberto para todos.

Em consulta ao Manifesto Mundial da Educação Física/FIEP (Federação Internacional da Educação Física/2000), sobre cartas de organismos nacionais e internacionais que regem a educação física e o esporte, observou-se que a “Carta Internacional da Educação Física e do Esporte” (UNESCO/1978) estabelece, no seu art. 1º, que “a prática da Educação Física e do Esporte é um direito fundamental de

todos”, e que, com esse pressuposto, as formas de exercício desse direito nas práticas esportivas, em consenso internacional, foram localizadas no âmbito do esporte educacional, no esporte lazer ou do tempo livre e no esporte de rendimento.

O Manifesto destaca em seus capítulos a importância da educação física e do esporte.

No capítulo primeiro, o Manifesto destaca que a “Carta Internacional da Educação Física e do Esporte” (UNESCO/1978) estabelece, em seu artigo 1º, a prática da educação física e do esporte como direito de todos; este artigo, ao que tudo indica foi inspirado na “Declaração Universal dos Direitos Humanos” (Nações Unidas/1948) em seu art. 2º que determina que todos podem invocar os direitos e as liberdades estabelecidas nesta “Declaração” sem distinção de raça, cor, sexo, língua, religião, classe sócio-econômica ou nacionalidade.

A educação física é reconhecida histórica e universalmente como um dos meios mais apropriados para a aquisição de uma melhor qualidade de vida e, de acordo com a FIEP (art.1º): a “educação física, pelos seus valores, deve ser compreendida como um dos direitos fundamentais de todas as pessoas”.

Ainda, segundo o Manifesto Mundial da FIEP (2000) sobre o conceito de educação física, no seu segundo capítulo ressalta que, em uma determinada “Cultura Física”, cujo culto ao corpo se reflete no desenvolvimento humano e social manifestado através de práticas físico-esportivas e efetiva utilização do tempo livre, a educação física surge como “fundamento” a tais práticas, além de desenvolver habilidades e conhecimentos em atividade física e esporte para uma efetiva participação profissional, familiar e no lazer.

Desta forma, a FIEP conclui no art. 2º que, a educação física, através de atividades corporais variadas, promove o lazer ativo, a consolidação de hábitos

saudáveis, uma efetiva educação para a saúde, ocupação saudável do tempo livre para o lazer e formação da cidadania por parte de crianças, jovens, adultos e idosos.

O “Manifesto”, em consonância com o objeto de estudo desta pesquisa - a mulher e os esportes no âmbito do lazer -, destacou a consideração de que as práticas físicas percebem um processo educativo quando utilizadas com a finalidade educacional nas formas de exercícios físicos, jogos, esportes, danças, atividades de aventura, relaxamento e diversas ocupações de lazer ativo.

O Lazer como Forma de Exercício do Direito às Práticas Físico-Esportivas

A Carta Internacional de Educação Física e Esporte (UNESCO/1978), citada pelo Manifesto, em seu art. 2º reconhece a educação física e o esporte como elementos essenciais do sistema global de educação, e, por serem dimensões fundamentais dos processos educacionais e culturais, desenvolvem aptidões, anseios e autodomínio do ser humano, promove a sua integração na sociedade, além de contribuir para melhorar e preservar a saúde, através de uma ocupação saudável do tempo livre que cresce e favorece o aumento da longevidade dos indivíduos em todas as sociedades do planeta, no que tange o desenvolvimento humano e social.

Entre algumas considerações destaca-se aquela de que se julga melhor sintetizar a proposta.

Que a Educação Física é a única disciplina na escola que atua diretamente com o físico, movimento, jogos e esporte, oferecendo oportunidade às crianças e adolescentes para, adquirir competências de movimentos, identidades, desenvolverem conhecimentos e percepções necessárias para um engajamento independente e crítico na cultura física [...] (MANIFESTO MUNDIAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA/ FIEP, 2000, p, 20).

Entre as principais orientações deste “Manifesto”, foram ressaltados os indicativos da Carta Internacional de Educação Física e do Esporte (UNESCO/1978), que estabelece como direito de todos à prática físico-esportiva, inclusive no âmbito do esporte-lazer como abrangência social às pessoas adultas e comuns, que de forma democrática e prazerosa, tenham fácil acesso a essas práticas. Releva a importância da educação física para o lazer por favorecer aos seus praticantes a promoção da saúde, além de desenvolver nas pessoas o hábito de práticas voluntárias de atividades físicas no tempo livre e o fato de o lazer promover estados psicológicos agradáveis, como o prazer.

Considera, ainda, que a prática do esporte-lazer resulta das relações da educação física com a iniciação esportiva. Estas relações, por sua vez, apresentam, em acordo com a problemática a que o estudo se propõe a investigar, os fatores determinantes para minimizar as causas da não-adesão feminina aos esportes como forma de lazer.

Por fim, o esporte contribui de um modo geral para a formação e aproximação dos seres humanos no reforço do desenvolvimento de valores morais, éticos, solidários, fraternos e cooperativos, tornando-se um dos meios mais eficazes para a convivência humana; é um dos maiores fenômenos socioculturais do século XX, expresso pelo aumento da demanda de praticantes, interesse crescente da mídia e dos investimentos econômicos que o cerca; e suas formas de exercício de acordo com as práticas esportivas, no âmbito do esporte lazer ou do tempo livre e no esporte de rendimento é um direito de todos, conforme ressalta o “Manifesto” através da Carta Internacional de Educação Física e do Esporte (UNESCO, 1978).

O esporte, na esfera educacional, é entendido como as práticas esportivas desenvolvidas nos sistemas de ensino com formas assistemáticas de educação, em que:

- a) os princípios da cooperação, co-educação, participação e outros princípios estão presentes;
- b) a seletividade e a hipercompetitividade são evitadas;
- c) os objetivos são a formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer.

Na Declaração de Viena, o esporte foi reconhecido não apenas como fator primordial para a saúde psicofísica da juventude, mas também como um modo de integração social e ainda se constitui em meio de prevenção contra certas influências nocivas do cotidiano, como sedentarismo, o uso de drogas, o alcoolismo e a violência.

O esporte, portanto, é entendido como qualquer forma de atividade física, nos diferentes níveis e como manutenção e melhoria da condição física e da qualidade de vida. Então sua prática deve ser acessível às populações ao assegurar a possibilidade de melhorar o potencial de desenvolvimento das pessoas.

No âmbito do esporte lazer ou do tempo livre é entendido como um esporte voluntário praticado por prazer, onde as modalidades esportivas escolhidas têm a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na vida social e na promoção da saúde, além de provocar um entretenimento saudável.

No “Movimento Esporte para Todos”, o esporte é reconhecido como um meio de democratização das práticas esportivas e compreende todas as suas formas, tornando-se extremamente importante para o desenvolvimento cultural de todas as

sociedades, sendo praticado com a finalidade de revalorização das pessoas e melhoria da qualidade de vida.

As suas práticas deveriam, então, ser reconhecidas como base fundamental para o desenvolvimento de atividades esportivas ao longo da vida e que, na escola, deveria ser considerado como o fator mais importante para o fomento do esporte, pois as crianças estão mais predispostas a participar de atividades esportivas extra-escolares.

Neste sentido, por tudo que representa na amplitude do seu novo conceito, o esporte é uma opção privilegiada de utilização de atividades físicas e deve merecer uma educação específica para que as pessoas incorporem suas práticas às suas culturas individuais.

O “Manifesto” destaca, inclusive, a importância da relação educação/esporte, pelo potencial humano e social que o fenômeno sociocultural esportivo representa e deve ser estimulado e promovido em todas as atividades relacionadas à educação física. Igualmente, ressalta que o esporte educacional e o esporte lazer ou de tempo livre são considerados conteúdos da educação física pela analogia entre objetivos, meios e possibilidades de sua utilização ao longo da vida humana.

A Educação Física e seu Compromisso contra a Discriminação e a Exclusão Social

Este capítulo nos remete à 2ª Conferência Internacional de Ministros e Altos Funcionários Encarregados da Educação Física e do Esporte (MINESP II/MOSCOU/1983), que preconiza “a promoção do Esporte para Todos e sua extensão a todos os grupos da população com o devido respeito à dignidade humana”; destaca, principalmente, a Convenção das Nações Unidas sobre a

“Eliminação de todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher” (1979), que recomenda o reforço à afirmação de que o direito da mulher à educação física não pode ser esquecido; e atenta, inclusive, para a importância do incentivo à adesão feminina aos esportes através da educação física ao lembrar.

Que a 3ª Conferência Internacional de Ministros e Altos Funcionários Encarregados da Educação Física e o Esporte, na Declaração de Punta del Este (1999), indica uma melhor participação das meninas, jovens e mulheres na Educação Física em todas as estatísticas, em concordância com a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher das Nações Unidas (1979), e da Declaração de Brighton sobre a mulher no Esporte (1994, p, 42).

O referido evento postula, ainda, sobre a iniciativa da UNESCO que, ao desenvolver reflexões sobre os prejuízos humanos e sociais sobre a intolerância, o racismo e a exclusão social, tem promovido ações concretas com a finalidade de eliminar todas as formas de discriminação e exclusão. E ressalta que a educação física constitui um excelente meio de integração social das pessoas em categorias socialmente desfavoráveis e excluídas.

Na história do esporte, o meio mais efetivo contra a discriminação foi o “Movimento Esporte para Todos”, nascido na Noruega com o nome de “TRIM”.

Este “Movimento”, originado para contestar o esporte de rendimento, desencadeou inúmeras campanhas de valorização das práticas físico-esportivas, formais ou não-formais, abraçando um número cada vez maior de praticantes nos mais variados espaços físicos. Este processo certamente contribuiu para suscitar nas mulheres a adesão às atividades físicas e esportivas por uma maior qualidade de vida.

A visão contemporânea do “Esporte para Todos” é o projeto “Agita São Paulo”, que, inclusive, incorpora a atividade física como prevenção da saúde.

Para Tubino (2001), este modelo é classificado como “Esporte Participação” - dimensão social do esporte referenciado com o princípio do prazer lúdico, e que tem como finalidade o bem-estar social dos seus praticantes. Também chamado de esporte popular, guarda estreita relação com o lazer e o tempo livre, pois ocorre fora das obrigações da vida diária e tem como objetivos a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e a socialização entre as pessoas por possuir características de liberdade e participação voluntária de cada praticante.

De acordo com o autor, o “Esporte Participação” é essencial a qualquer processo de democratização, e favorece o equilíbrio no quadro de desigualdades de oportunidades esportivas, comumente observado no âmbito do esporte *performance* ou de desempenho, que só permite o sucesso aos talentos ou àqueles que tiverem condições técnicas. Já o esporte popular, ao contrário, proporciona o prazer à todos que desta dimensão do esporte se beneficiem.

Finalmente, é essencial evidenciar que a FIEP, em suas conclusões recomenda.

Art.18 - A Educação Física deve ser utilizada na luta contra a discriminação e a exclusão social de qualquer tipo, democratizando as oportunidades de participação das pessoas com infra-estruturas e condições favoráveis e acessíveis (p, 43).

Concluindo, é senso comum, que a interação social promovida pela educação física possibilita a construção de uma cultura sócio-esportiva inclusiva, no sentido de favorecer a inserção feminina no mundo dos esportes, independente, dos padrões estéticos corporais concebidos pela mídia.

Apesar da importância da mídia no incentivo à adesão sócio-esportiva feminina, o fato é que ainda são pequenos os espaços destinados à mulher esportista em jornais, programas de rádio e televisão e noticiários via *internet*.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Este capítulo objetiva descrever o modelo de estudo utilizado, os locais pesquisados e os sujeitos selecionados para participar da pesquisa, bem como os instrumentos e os procedimentos empregados na coleta e tratamento dos dados. Esta seção balizou o estudo através de metodologia adequada ao perfil dos sujeitos entrevistados durante a coleta de dados.

Tipo de Pesquisa

Segundo Thomas e Nelson (2002), o método de pesquisa descritiva mais comum é o estudo exploratório, estudo de *status* amplamente utilizado na educação e nas ciências comportamentais. O seu valor está baseado na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio da observação, análise e descrição objetivas e completas.

O método utilizado foi o estudo exploratório do tipo *Survey*, através de entrevista pessoal junto a vinte mulheres, em cada um dos seis *shoppings centers* visitados e, ainda, vinte no bairro (comércio e orla) de Copacabana, perfazendo um quantitativo total de cento e quarenta sujeitos.

Esta técnica de pesquisa descritiva procurou determinar práticas presentes ou opiniões de uma população específica, com a amostragem selecionada de forma estratificada aleatória, ou seja, mulheres com idades entre 20 e 35 anos.

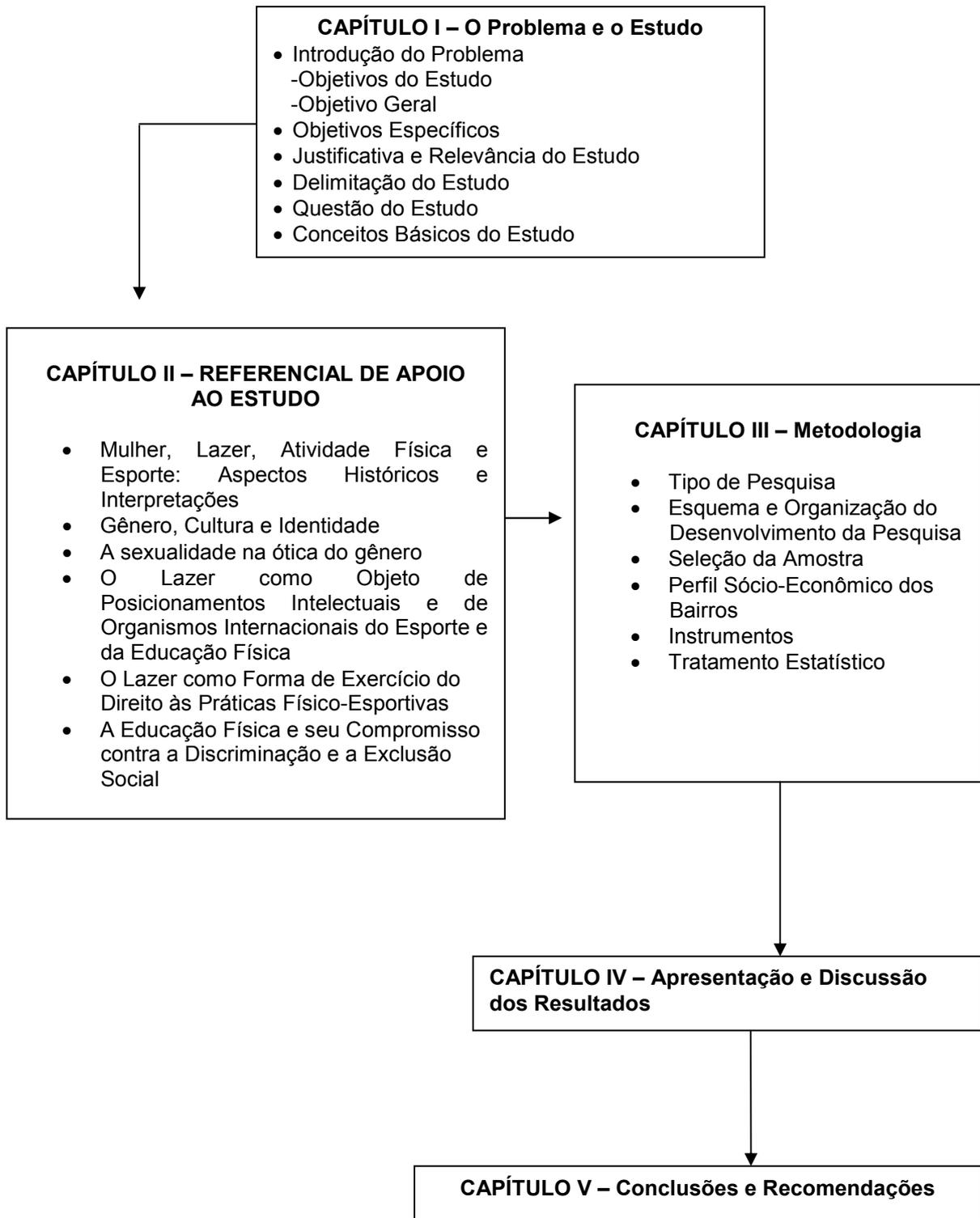
O modelo utilizado na seleção da amostra encontra respaldo nos estudos de Thomas e Nelson (2002), que afirmam que a população deve ser dividida

(estratificada) de acordo com alguma característica, - neste caso a idade, os locais pesquisados e a não-adesão aos esportes tradicionais com bola, como forma de lazer - antes da seleção aleatória da amostra.

O propósito de selecionar uma amostra aleatoriamente, segundo os autores supracitados, deve-se ao fato de que a amostra representa a grande população, ou seja, os achados na amostra podem ser inferidos para a população maior. Portanto, em termos estatísticos, uma característica, relação, ou diferença encontrada em uma amostra provavelmente estará também presente na população da qual a amostra foi selecionada (inferência).

A pesquisa objetivou a identificação de algumas causas que levam à não-adesão feminina aos esportes tradicionais coletivos e terrestres com bola - Futebol, Basquete, Vôlei e Handebol – como prática esportiva voltada para o lazer. A pesquisa descritiva foi, então, o referencial para a obtenção dos dados desejados junto aos sujeitos determinados.

Para melhor visualização da organização do estudo apresenta-se, a seguir, um organograma intitulado “Esquema e Organização do Desenvolvimento da Pesquisa” (Quadro 1), que mostra um roteiro de todas as etapas cumpridas durante a pesquisa, apresentadas e pontuadas em seus respectivos capítulos, de maneira que todos os objetivos fossem atingidos.

Quadro 1: Esquema e Organização do Desenvolvimento da Pesquisa

Ao considerar, no presente estudo, a importância da identificação das causas da reduzida adesão feminina às práticas esportivas, como forma de lazer, vislumbraram-se novas possibilidades para a inserção sócio-esportiva feminina.

O autor deste estudo acredita que a aquisição do hábito da prática esportiva na infância e adolescência, consolidado na idade adulta, desenvolve entre os indivíduos a autonomia para a prática de atividades físicas e esportivas para o lazer, como estilo de vida saudável, além de promover o desenvolvimento das potencialidades e melhoria na qualidade de vida.

Do ponto de vista metodológico, esta seção teve como objetivo principal elucidar, através de procedimentos adequados ao tipo pesquisa, o modelo de investigação utilizado e os caminhos percorridos para encontrar as principais causas que determinam a não-adesão de mulheres com idade entre 20 e 35 anos aos esportes tradicionais, coletivos e terrestres com bola (futebol, basquete, vôlei e handebol) como forma de lazer.

Seleção de Amostra

Os sujeitos selecionados para pesquisa foram mulheres com idades variando entre 20 e 35 anos, freqüentadoras de *shopping centers* e do comércio e orla do bairro de Copacabana, não praticantes esportes tradicionais, coletivos e com bola, como forma de lazer.

A opção pelos locais escolhidos para a coleta de dados deveu-se à hipótese de se crer que a mulher que freqüenta *shopping center* tem tempo livre e condições sócio-econômicas para a prática de esportes.

O objeto de estudo sofreu abordagem direta, pois a amostra da população levantada foi configurada, inicialmente, através da observação direta para o delineamento de sujeitos com o perfil ideal desejado para a pesquisa, e que estivessem sentadas nas praças de alimentação dos *shoppings* escolhidos.

Dando seqüência ao método, após certificação de que haviam terminado de lanchar ou fazer uma refeição e por estarem sentados, o procedimento imediato foi à abordagem direta por meio de apresentação nominal e esclarecimentos quanto à atividade profissional exercida pelo pesquisador - para eliminação imediata da semelhança com algum vendedor de produtos ou serviços - e os objetivos da ação em relação à importância social que a entrevista poderia contribuir em relação ao estudo.

A partir da concordância do sujeito em participar da pesquisa, procedeu-se a aplicação do questionário, tarefa descrita na seção “Instrumentos”.

Perfil Sócio-Econômico dos Bairros

Em consulta realizada junto à base de dados do Instituto Pereira Passos (IPP), para melhor caracterizar o perfil da amostra coletada, foram levantadas e apresentadas a seguir, informações sócio-econômicas dos bairros que abrigam os centros de comércio e orla (Copacabana) onde foram realizadas as entrevistas.

No intuito de confirmar as possibilidades econômicas femininas para a prática esportiva, foram levantados, ainda, junto ao “armazém de dados” do IPP, dados referentes ao rendimento mensal médio do responsável do domicílio por sexo e por Região Administrativa (RA) - Tabela 877, Anexo XII - e oriundo do trabalho por RA e sexo - Tabela 879 - destes bairros.

Barra de Tijuca

A Barra da Tijuca¹ é um bairro residencial de classe alta que recebe um grande número de novos investimentos imobiliários, incluindo grandes hipermercados, *shoppings* e sedes de empresas. É um dos bairros que mais cresce na cidade e onde está sendo construída a Vila *Pan-americana*, em que serão alojados os atletas durante os Jogos *Pan-Americanos* de 2007.

Com perfil jovem e residencial, este bairro da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro possui 18 km de praia e três grandes lagoas principais, além de lagoas menores e canais. Possui três avenidas principais: a Avenida das Américas, que conecta o bairro com a zona sul e os demais bairros da zona oeste, a Avenida Ayrton Senna (antiga Av. Alvorada), que liga a Barra da Tijuca ao bairro de Jacarepaguá e a Avenida Lúcio Costa (antiga Av. Sernambetiba), que segue a margem da extensão da praia. Em todas as direções, a vista inclui lagoas e montanhas ou o próprio mar, áreas apropriadas à prática de atividades de lazer.

A Barra da Tijuca é um bairro relativamente novo. É classificado como de médio-alto desenvolvimento humano, tanto pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH=0,802) como pelo Índice de Condições de Vida (ICV=0,769), ocupando a sexta posição no critério do IDH e a décima primeira no critério do ICV, quando consideradas todas as regiões.

Os dados demográficos indicam que a região foi a que mais cresceu no município, na década de 1990: cerca de 44% ou 124 mil novos habitantes. O maior aumento populacional ocorreu na segunda metade da década, com uma taxa relativa de crescimento de 26% ou 45.721 mil novos residentes.

¹Fonte: Instituto Pereira Passos (IPP)

Durante os anos 80, a Barra da Tijuca viu uma explosão demográfica, com praticamente todos os terrenos ao longo de suas avenidas ocupadas por grandes condomínios residenciais, parques, praças, supermercados, *shoppings centers*, escolas, hospitais, áreas de lazer e academias de ginástica. As avenidas foram duplicadas e receberam sinalização. Nesta época, houve um movimento de emancipação da Barra e bairros vizinhos, mas o resultado do plebiscito foi contrário.

Os anos 80 registraram o surgimento de comércio, serviços de lazer fora dos limites dos condomínios privados e a construção de empreendimentos residenciais de menor porte (prédios isolados), transformando a Barra da Tijuca no “paraíso imobiliário”, já que diversos lançamentos ocorreram neste período.

Na década seguinte, a região já apresentava um significativo contingente populacional, o que estimularia o surgimento de edifícios comerciais de maior porte, ocorrendo, deste modo, um novo “boom imobiliário”, com o lançamento de complexos de salas comerciais e de escritórios, como, por exemplo, o *Downtown* e o *Cittá América*, e a ampliação da chamada “catedral do consumo”, o *Barra Shopping*.

Na década de 90 observa-se, do mesmo modo, a consolidação da Barra como lugar privilegiado de lazer e de turismo, com o surgimento de novas opções de entretenimento, representadas, principalmente, pelos parques temáticos, o que aponta para investimentos futuros do setor hoteleiro, bem como a construção de novos *Shoppings Centers* de diferentes dimensões, que reafirmam a tendência desta região de se transformar num centro funcional de escala metropolitana.

Uma potência econômica com comércio, lazer e entretenimento que, por possuir este perfil, foi considerado importante campo de investigação para que fossem alcançados os objetivos desta pesquisa.

Botafogo

Bairro da cidade do Rio de Janeiro, Botafogo² está localizado na zona sul entre os bairros do Flamengo, Humaitá e Urca. A enseada de Botafogo está conectada diretamente com a Baía da Guanabara e oferece uma bela paisagem, incluindo os barcos do Iate Clube do Rio de Janeiro, o Pão de Açúcar e o Cristo Redentor.

A praia de Botafogo é interligada ao parque do Aterro do Flamengo e às praias do Leme e Copacabana por intermédio da ciclovia e se constituem em importantes áreas de lazer na Cidade do Rio de Janeiro.

Na primeira metade do século XX ocorreu uma transformação no perfil de seu morador típico: de bairro nobre, até então reduto privilegiado da aristocracia, Botafogo passa a receber uma população diferenciada de funcionários públicos, militares, operários, artesãos, comerciantes, bancários. É quando surgem os primeiros cortiços e as primeiras vilas, produzidas em grande número, para atender a essa nova população. Botafogo torna-se, então, um bairro de ligação entre o Centro da cidade e os novos bairros que vão sendo urbanizados e integrados à malha urbana da cidade.

Em 1903, numa antiga chácara da Rua São Clemente é fundado o Colégio Santo Inácio; em 1918, surge o Colégio *Andrews* entre outros particulares de expressão, dando ao bairro um ar cosmopolita, junto com os primeiros edifícios de três a seis andares, na orla da praia e nas ruas Voluntários da Pátria, São Clemente, da Passagem e General Polidoro.

²Fonte: Instituto Pereira Passos (IPP)

Hoje Botafogo é um bairro com dupla identidade. De um lado, faz a ligação entre o centro e a zona sul e, de outro, mantém seus velhos casarões, suas vilas e mansões que ainda fazem lembrar o sofisticado e aristocrático bairro que foi um dia.

Homenagem ao bairro onde nasceu e à enseada em que seus barcos competiam, foi fundado no dia 1º de julho do ano de 1894, o *Club* de Regatas Botafogo, a estrela solitária, um dos mais tradicionais clubes de futebol do Estado do Rio de Janeiro, posteriormente, em 5 de julho de 1899, dissidentes do clube Vasco da Gama, fundaram uma nova associação naquele bairro, o Grupo de Regatas Guanabara, que mais tarde tomou o nome de Clube de Regatas Guanabara.

No bairro de Botafogo existem três grandes *Shoppings Centers* como opções de lazer e entretenimento: o *Shopping* Rio Sul, o Rio Plaza *Shopping* e o Botafogo Praia *Shopping*, onde as pessoas podem se divertir com os cinemas, *games*, restaurantes, *Happy Hours*, academias e uma infinidade de atrações.

Diante da importância de Botafogo como pólo gastronômico, cultural e de lazer, este bairro foi um dos eleitos como prioritário para as observações e entrevistas que permearam o desenvolvimento deste projeto.

Copacabana

Cercada pelos fortes do Leme e de Copacabana, pontos turísticos da cidade, o bairro de Copacabana³ é um dos mais belos atraindo boa parte dos turistas para seus mais de 80 hotéis, que ficam especialmente cheios durante a época do *Reveillon* e do carnaval. A tradicional queima de fogos de fim de ano, que pode ser contemplada por todos na areia, é um festival que atrai uma multidão de pessoas,

³Fonte: Instituto Pereira Passos (IPP)

turistas ou não. Sua orla é lugar de variados eventos, espetáculos culturais e esportivos, nacionais e internacionais, durante todo o ano.

Nos finais de semana a faixa de areia fica igualmente cheia de moradores das mais diversas regiões do Rio, que utilizam a boa infra-estrutura de transporte do bairro, como ônibus e metrô, para se banharem sob o sol e no mar. O calçadão (com suas famosas ondas pretas e brancas) é uma ótima opção para corredores e ciclistas, e a faixa de areia oferece várias possibilidades para a prática de atividades físicas e esportivas como forma de lazer, motivo pelo qual o bairro foi incluído na pesquisa.

Atualmente, o bairro tem a maior concentração populacional da cidade, com 3.400 habitantes por quilômetro quadrado. Copacabana também abriga a maior quantidade de idosos do município, com 16,7% da população acima de 60 anos.

Apesar da evolução do comércio em Ipanema e Leblon e do seu vizinho *Shopping Rio Sul*, os serviços prestados em Copacabana continuam dinâmicos, embora não possua grandes shoppings. O comércio ficou mais popular. Hotéis continuam sendo construídos em Copacabana e a praia é internacionalmente conhecida.

Madureira

Bairro criado no início do século XIX, fracamente povoado em seu interior e chamado “sertão carioca”. Esta região era composta por grandes propriedades rurais. Uma dessas fazendas era a do Campinho, situada na Freguesia do Irajá. Do desenvolvimento da fazenda surgiu a semente do que viria a se tornar o bairro de Madureira.

É um centro comercial que possui vários estabelecimentos, dentre os quais destaca-se um, cuja história se confunde com a do próprio bairro: o Mercado de Madureira, no início uma grande quitanda de hortifrutigranjeiros, remonta à República Velha. Inaugurado em 1914, o ponto de venda de produtos agrícolas mudou de sede em 1916 e passou por uma ampliação em 1929.

No ano de 1959, o presidente Juscelino Kubitschek inaugurou o novo Mercado de Madureira, na Avenida Ministro Edgard Romero (local onde se encontra até hoje). Como reflexo Madureira passou a ser um dos maiores arrecadadores de ICMS da cidade e contém aproximadamente 650 lojas. O comércio do bairro conta ainda com várias lojas, academias, cinemas, galerias comerciais, o Madureira *Shopping Center* e, ainda, com uma das maiores fábricas de biscoito, a Piraquê.

O bairro de Madureira⁴ ocupa uma extensão de 378,76 *ha*, tendo uma altíssima taxa de urbanização (99,93%). Possui uma população de 49.546 habitantes, distribuídos em 15.400 domicílios.

Por iniciativa de vários comerciantes locais surgiu o Madureira Atlético Clube, substituindo o Fidalgo Atlético Clube, Madureira Tênis Clube e Imperial Basquete Clube. Ao longo de sua história, o Madureira sempre foi considerado um celeiro de craques, formando profissionais que chegaram até a integrar a seleção brasileira.

Além do Madureira Esporte Clube, têm sede em Madureira, três das maiores escolas de samba do carnaval carioca: a Império Serrano, a Portela e a Tradição. O bairro foi cantado em verso e prosa por diferentes intérpretes da MPB, especialmente por Clara Nunes e Paulinho da Viola. Como aconteceu em outros locais as artes teatrais perderam espaço para os cinemas de rua e, posteriormente,

⁴Fonte: Instituto Pereira Passos (IPP)

para os *shoppings centers*, hoje, constituindo-se uma das maiores opções de lazer da comunidade local.

Jacarepaguá

Por volta de 1950 havia cerca de 70 mil pessoas vivendo em Jacarepaguá⁵. Com a descoberta da Barra da Tijuca houve um crescimento da região, que possui hoje cerca de 800 mil habitantes, sendo o 9º bairro mais populoso do Rio. Jacarepaguá é um bairro da zona oeste do Rio de Janeiro, localizado na baixada de Jacarepaguá, entre o Maciço da Tijuca e a Serra da Pedra Branca e possui uma área territorial de 7.579,64 *ha*, sendo o 4º maior bairro em área do município.

Circundado pelos bairros de Guaratiba a oeste, Bangu e Realengo ao norte, Jacarepaguá a leste, Barra da Tijuca a sudoeste e sul, Recreio dos Bandeirantes e Grumari ao sul e Campo Grande a noroeste, o Parque Estadual da Pedra Branca, com seus 12.500 *ha* e cerca de 80 km de perímetro é considerado a maior floresta urbana do mundo.

O maciço da Pedra Branca tem importante rede hidrográfica, já que parte dele contribui para o abastecimento de água da região circunvizinha, destacando-se as represas do Pau da Fome, do Camorim e do Engenho Novo.

No final do século XIX havia grande circulação de bondes com tração animal pela região e esse local fazia parte do trajeto entre a “Porta d’água”, na Freguesia e a Taquara. Por isso, em 1875, foi construído um grande reservatório para cavalos e burros matarem a sede. Desde então, passou a ser chamado de Largo do Tanque.

⁵Fonte: Instituto Pereira Passos (IPP)

O “Largo do Tanque”, sub-bairro da região, é um dos expoentes da região, por abrigar o *Center Shopping*, situado ao lado do SESI, grande centro de lazer e entretenimento.

Próximo ao Largo da Freguesia situa-se o Bosque da Freguesia, área de lazer com quadras poliesportivas, trilhas para caminhadas (2,5km), campo de futebol, e aparelhos de ginástica além de atividades esportivas e recreativas regulares. Possui ainda um *play ground* com mesas de jogos, um auditório e um anfiteatro para exposições e encenações, e área de conveniência. Situa-se ainda ao lado de outro grande *shopping* da região, o *Rio Shopping*.

Méier

O bairro do Méier⁶, localizado na zona norte do Rio de Janeiro, é um bairro de várias aparências, possui um lado mais urbano, em volta da Rua Dias da Cruz, principal rua de comércio além de ser rua de lazer nos domingos e feriados e, um outro, mais suburbano e calmo.

No século XVII o Méier era uma fazenda de cana-de-açúcar. Em 1760 houve desentendimentos com a Corte Portuguesa e os donos da fazenda, os Jesuítas, foram expulsos do Rio de Janeiro. A fazenda então foi dividida em 3 partes: Engenho Novo, Engenho Velho e São Cristóvão.

Cortado pela estrada de ferro da Central do Brasil, a história do Méier às vezes se confunde com a dos trens locais. O aniversário da estação ferroviária do Méier é utilizado como data de aniversário do bairro: 13 de maio de 1889. A partir da

⁶Fonte: Instituto Pereira Passos (IPP)

década de 1960 o Méier explodiu demográfica e comercialmente. Nele se encontra o primeiro *shopping center* do Brasil. O *Shopping* do Méier.

Situado na 13ª região administrativa, conhecida como Grande Méier, o Norte *Shopping*, localizado no Cachambi, é o maior *shopping* da zona norte, e o segundo maior da cidade e, ainda, o de maior faturamento por metro quadrado da Cidade do Rio de Janeiro. Sua circulação média é 2,4 milhões de consumidores ao mês.

Além do comércio de produtos e serviços, oferece uma intensa programação cultural e de eventos voltados para o lazer em uma estrutura completa.

Considerado um dos principais ícones do bairro, o Jardim do Méier conta com área aproximada de 13.000 m² e foi urbanizado na administração do prefeito Azevedo Sodré em 1916.

Construído em função da Estrada de Ferro Central do Brasil, o Jardim do Méier recebeu esse nome como forma de homenagear Augusto Duque Estrada Méier, proprietário das terras antes da doação ao governo. Embora a praça só tenha sido reconhecida como área pública em 1975, a criação do Jardim do Méier é um marco da urbanização no subúrbio com seu inovador projeto paisagístico para a época.

Como projeto social do bairro, o Norte *Shopping*, em parceria com a Fundação Parques e Jardins, adotou o Jardim do Méier com um projeto de revitalização da área de lazer, com a recuperação do projeto paisagístico original, restauração do coreto - tombado pelo patrimônio histórico municipal - e um dos poucos exemplares em forma que restam na cidade, com o objetivo de resgatar a inocência das brincadeiras nas pracinhas de antigamente, e devolver a toda a população esta importante área de lazer e tranquilidade no coração da zona norte.

Tijuca

Considerado tradicionalmente como um bairro de classe média e média alta, atualmente a Tijuca⁷ é um bairro da zona norte cercado por comunidades de baixa renda. A partir da década de 1980 passou a perder moradores para o bairro da Barra da Tijuca.

Um dos principais pontos comerciais é a Praça Sães Pena. O bairro conta com um expressivo setor de comércio e de serviços, hospitais, clínicas, escolas, academias, universidades e clubes, entre eles o Tijuca Tênis Clube, o Tijuca *Country* Clube, o *Club* Municipal, o América Futebol Clube, a Associação Atlética Tijuca e o Monte Sinai.

O bairro conta ainda com as escolas de samba GRES Acadêmicos do Salgueiro e GRES Unidos da Tijuca.

Embora tipicamente urbana, possui a maior floresta urbana do mundo (Floresta da Tijuca) plantada por determinação de D. Pedro II, na segunda metade do século XIX, pelo major Archer, em terras de café desapropriadas, para combater a falta de água que se instalara na então capital do Império. Trata-se de uma floresta secundária, uma vez que é fruto de um replantio, compreendendo espécies que não são nativas da mata atlântica, a cobertura vegetal original.

A Tijuca abriga o *Shopping* Tijuca, inaugurado em 1996, e maior complexo comercial do bairro que reúne lazer, cultura, conforto e sofisticação numa moderna infra-estrutura. Por deter tais características, este estabelecimento comercial foi escolhido como um dos locais apropriados para a aplicação do instrumento (questionário) junto aos sujeitos envolvidos neste estudo.

⁷Fonte: Instituto Pereira Passos (IPP)

Instrumentos

Inicialmente, foi entregue uma carta (Anexo I) a cinco professores especialistas (três Doutores e dois Mestres) solicitando a contribuição no sentido de validar o instrumento, que foi elaborado a partir de vinte e três possíveis causas (Anexo II) quanto a não-adesão feminina aos esportes tradicionais coletivos com bola, como forma de lazer.

Esta primeira validação do instrumento, submetida à apreciação dos profissionais, teve como objetivo a obtenção do instrumento final.

Como segunda validação, após acatar as sugestões e alterações propostas (Anexo III) pelos professores validadores, obteve-se o questionário final com vinte e uma questões (Anexo IV) a ser aplicado junto às mulheres na faixa etária compreendida entre 20 e 35 anos, freqüentadoras de *shoppings centers*, e não praticantes dos esportes envolvidos neste estudo.

As entrevistas foram realizadas em dias e horários diferentes, em seis *shoppings centers* de diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro e no bairro de Copacabana.

Adotou-se, então, como estratégia de abordagem dos sujeitos, a exploração dos espaços destinados às praças de alimentação, no período pós-refeição, devido ao fato dos mesmos estarem sentados e acomodados, de modo a favorecer a aplicação do instrumento e de maneira que a abordagem não interferisse na atividade normal dos entrevistados.

No terceiro momento, a partir da concordância do sujeito em participar da pesquisa e estando o mesmo dentro das condições pré-estabelecidas, como faixa

etária e não-adesão a um dos esportes listados, procedeu-se à orientação quanto ao preenchimento do instrumento.

Em conformidade com a metodologia de pesquisa descritiva, as observações e consultas foram realizadas em dias e horários variados, para a obtenção de dados o mais próximo possível da realidade.

Este questionário foi aplicado junto ao sujeito respondente ao qual era solicitado que, após ler as vinte e uma questões elaboradas, indicasse em ordem decrescente de importância as seis causas mais relevantes à sua não-adesão aos esportes relacionados na pesquisa.

As seis principais causas verificadas em cada local investigado foram, então, pontuadas através de uma tabela inversa que atribuiu 6 pontos para a primeira causa mais incidente, 5 pontos para a segunda, 4 pontos para a terceira, 3 pontos para a quarta, 2 pontos para a quinta e 1 ponto para a sexta. A partir daí, somaram-se os pontos de cada local, por meio da utilização de uma “tabela de incidência de causas” (Anexo V), no intuito de se obter as causas mais incidentes em cada local investigado.

Posteriormente, o mesmo procedimento foi adotado para a identificação das seis causas mais observadas entre as seis respostas mais pontuadas de todos os locais investigados para, finalmente, obter as três causas mais relevantes para responder à questão principal deste estudo: “Verificar as possíveis causas da não-adesão de mulheres, na faixa etária entre 20 e 35 anos, acerca da prática de esportes tradicionais, coletivos e terrestres com bola (futebol, basquete, vôlei e handebol) como prática de lazer”.

Tratamento Estatístico

O tratamento de dados foi orientado pela estatística descritiva, onde as variáveis foram tratadas pela análise de frequência com representação por tabelas ou gráficos conforme preconizado por Costa Neto (2002). Nestes casos, a significância das frequências foi avaliada através do teste *Qui-quadrado*, tendo as hipóteses:

- H_0 : As frequências são similares
- H_1 : Pelo menos uma frequência é distinta.

Para verificar possíveis diferenças entre as seis causas principais, identificadas nos sete locais visitados, foi usado o teste de Kruskal-Wallis.

E $\alpha = 0,05$, portanto tomou-se como significativa a variável que teve valor-p $< \alpha$, ou seja, pode-se afirmar que a frequência das respostas não se deu ao acaso, sendo representativa *a priori* do grupo investigado.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da interpretação dos dados obtidos após a aplicação do instrumento, com as respectivas pontuações descritas, verificou-se que a causa mais pontuada foi a de número um (falta de tempo livre), com 600 pontos somados. Em segundo lugar, a causa número doze (falta de motivação) somou 346 pontos, antecedendo a causa número treze (falta de companhia), em terceiro lugar, com 233 pontos.

A causa número cinco (falta de oportunidade) surgiu em quarto lugar com 181 pontos, seguida das causas número três (falta de aquisição do hábito na infância/adolescência) em quinto lugar, com 133 pontos e número dois (falta de incentivo na infância/adolescência), em sexto lugar, com 127 pontos.

As causas de número vinte, sete, dezenove, oito, nove e seis foram as demais causas pontuadas, porém de forma pouco significativa somando 87, 61, 59, 58, 42 e 28 pontos, respectivamente. Curiosamente as causas de número quatro, dez, onze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito e vinte e um não foram citadas por nenhuma das voluntárias como impedimento para a prática esportiva.

O Tratamento Estatístico utilizado observou dois momentos distintos, o primeiro relativo às técnicas da estatística descritiva, considerando que o instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário, com respostas de conteúdo discreto nominal, e resultados apresentados por meio de gráficos com suas respectivas distribuições de frequências.

O segundo momento consistiu em estabelecer uma abordagem segundo as técnicas da estatística inferencial, através da qual se fizeram os testes de hipóteses,

observando-se um nível de significância $p < 0,05$. Para tanto foram utilizados os testes não-paramétrico de Kruskal-Wallis e teste não-paramétrico *Qui-quadrado*.

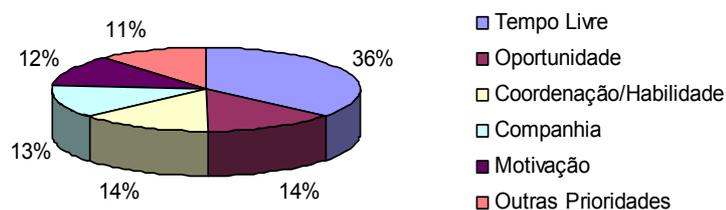
Neste sentido buscou-se verificar a existência ou não de relações causais entre as questões complementares e que compõem o instrumento questionário.

Apresentação dos Resultados

No gráfico 1 estão os resultados da frequência das respostas obtidas no questionário aplicado no Barra *Shopping*. Os dados mostram que o maior percentual da amostra foi constituído por indivíduos que indicaram a causa número um, “falta de tempo livre” (36%), como a principal causa da não-adesão à prática de esportes tradicionais com bola como forma de lazer, somando 94 pontos. As causas “falta de oportunidade” e “de coordenação motora/habilidade” foram registradas como a segunda causa mais relevante neste shopping (14%), alcançando 37 e 36 pontos respectivamente.

A terceira principal causa apontada pelas voluntárias, “falta de companhia” (13%), somou 34 pontos, seguida da causa “falta de motivação” (12%), quarta causa mais sugerida com 32 pontos. A questão referente ao “compromisso prioritário com as atividades domésticas” (11%) foi a sexta mais indicada, alcançando 30 pontos.

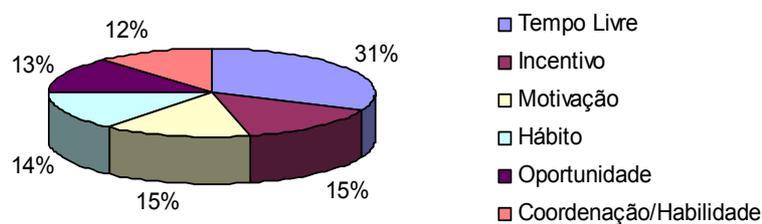
Gráfico 1: Frequência das Respostas – Barra *Shopping*



No gráfico 2 estão os resultados da frequência das respostas obtidas no questionário aplicado no *Center Shopping*. Os dados mostram que o maior percentual da amostra foi constituído por indivíduos que indicaram a “falta de tempo livre” (31%) como a principal causa da não-adesão à prática de esportes tradicionais com bola, como forma de lazer, somando 81 pontos. As causas “falta de incentivo à prática esportiva na infância e adolescência” e “falta de motivação” (15%) foram apontadas como a segunda causa mais citada neste shopping, alcançando iguais 38 pontos.

Com relação à terceira principal causa apontada pelas voluntárias, aparece a questão relativa à “falta de aquisição do hábito na infância/adolescência” (14%) ao somar 37 pontos, seguida pela causa “falta de oportunidade” (13%) que foi citada como a quarta causa mais sugerida, com 34 pontos computados. A questão referente à “falta de coordenação motora/habilidade” (12%) foi escolhida como a sexta causa para a não-adesão à prática de esportes tradicionais com bola, alcançando 30 pontos.

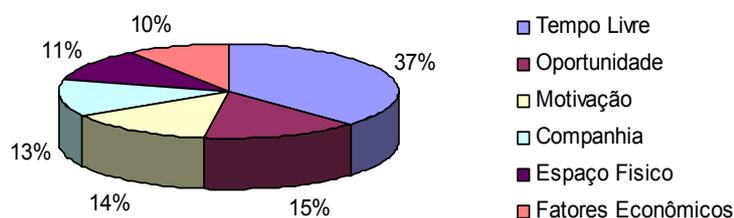
Gráfico 2: Frequência das Respostas – Center Shopping



No gráfico 3 estão os resultados da freqüência das respostas obtidas no questionário aplicado no Norte *Shopping*. Os dados mostram que o maior percentual da amostra foi constituído por indivíduos que indicaram a “falta de tempo livre” (37%), como a principal causa da não-adesão às práticas esportivas com bola, como forma de lazer, com 103 pontos somados. A causa “falta de oportunidade” (15%) foi apontada como a segunda causa mais citada neste *shopping*, alcançando 42 pontos.

A terceira principal causa apontada pelas voluntárias foi a questão que indicava a “falta de motivação” (14%), que somou 39 pontos, seguida pela causa “falta de companhia” (13%) como a quarta mais sugerida, com 35 pontos. A questão referente aos “espaços físicos para a prática com acesso difícil” (11%) foi assinalada como a quinta causa mais importante, alcançando 31 pontos e, finalmente, a questão “fatores econômicos” (10%) apareceu como a sexta causa principal, com 27 pontos.

Gráfico 3: Freqüência das Respostas – Norte *Shopping*

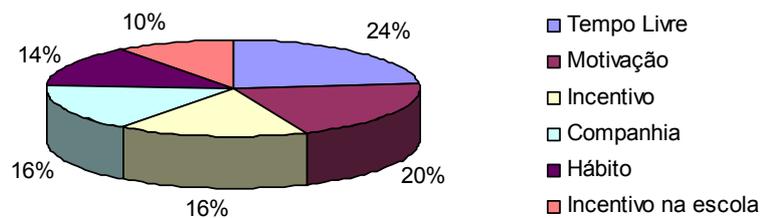


No gráfico 4 estão os resultados da freqüência das respostas obtidas no instrumento utilizado no Madureira *Shopping*. Os dados mostram que o maior percentual da amostra foi constituído por indivíduos que indicaram a “falta de tempo

livre” como principal motivo para não praticar esportes tradicionais coletivos com bola, como forma de lazer (24%), somando 65 pontos. A causa “falta de motivação” foi apontada como a segunda causa mais citada (20%) neste *shopping*, alcançando 55 pontos.

Com relação à terceira e a quarta principais causas apontadas pelas voluntárias aparecem as questões que indicavam a “falta de incentivo” (16%) e “falta de companhia” (16%) que, selecionadas, somaram 45 e 44 pontos, respectivamente. A questão referente à “falta de hábitos na infância/adolescência” foi a quinta resposta mais citada (14%) alcançando 38 pontos e finalmente a falta de “incentivo na escola” (10%) somou 28 pontos e foi a sexta causa principal da não-adesão aos esportes abordados neste estudo, como forma de lazer.

Gráfico 4: Frequência das Respostas - Madureira Shopping

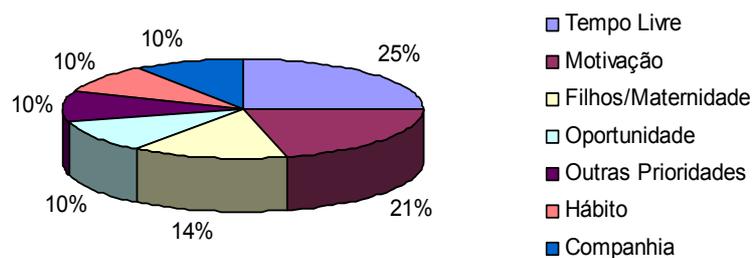


No gráfico 5 estão os resultados das frequências das respostas obtidas no questionário aplicado no Tijuca *Shopping*. Os dados mostram que o maior percentual da amostra foi constituído por indivíduos que indicaram a “falta de tempo livre” (25%), como o principal motivo do afastamento feminino da prática esportiva, somando 76 pontos. A “falta de motivação” (21%) foi a segunda causa mais assinalada neste *shopping*, alcançando 63 pontos. Com relação ao terceiro principal

motivo apontado pelas voluntárias, a questão que indicava “filhos/maternidade” (14%) somou 42 pontos.

As questões relativas à “falta de oportunidade”, “compromisso prioritário com as atividades domésticas”, “falta de aquisição do hábito na infância/adolescência” e a “falta de companhia” mostraram a mesma frequência relativa (10%), sendo que as duas primeiras questões somaram 31 pontos enquanto as outras alcançaram 29 pontos.

Gráfico 5: Frequência das Respostas – Tijuca Shopping



No gráfico 6 estão os resultados das frequências das respostas obtidas no questionário aplicado no Rio Sul Shopping. Os dados mostram que, ao contrário dos outros locais investigados, o maior percentual da amostra foi constituído por indivíduos que indicaram a “falta de motivação” (29%), questão número doze, como a principal causa da não-adesão à prática de esportes tradicionais com bola como forma de lazer, com 87 pontos.

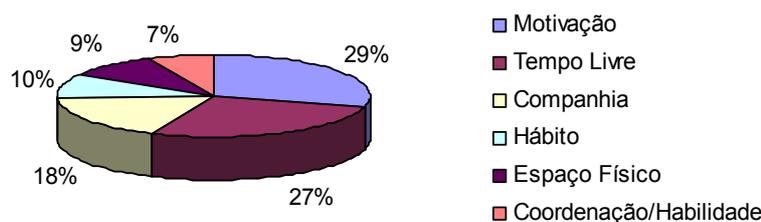
A causa número um, “falta de tempo livre” (27%) apareceu como a segunda resposta mais citada neste shopping, alcançando 82 pontos.

Com relação à terceira principal causa, foi apontada a questão número treze, “falta de companhia”, com 18% e, como quarto motivo principal, foi respondida pelas

voluntárias a questão número três, que indicava a “falta aquisição do hábito na infância/adolescência” (10%) e somaram 53 e 29 pontos, respectivamente.

A questão número oito, referente ao “espaço físico para a prática com acesso difícil”, foi a quinta resposta mais citada (9%), alcançando 27 pontos e, finalmente, o item número vinte, “falta de coordenação/habilidade” (7%) somou 21 pontos e foi a sexta principal alegação das respondentes para não praticar qualquer dos referidos esportes como forma de lazer.

Gráfico 6: Frequência das Respostas – Rio Sul Shopping

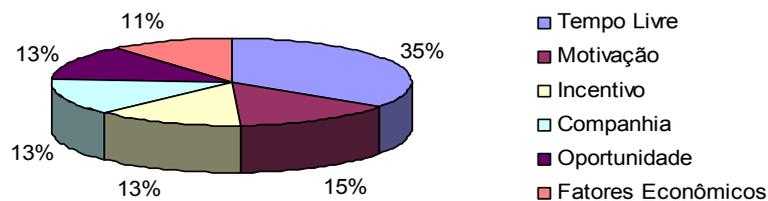


No gráfico 7 estão os resultados das freqüências das respostas obtidas no questionário realizado em Copacabana. Os dados mostram que o maior percentual da amostra foi constituído por indivíduos que indicaram a “falta de tempo livre” (35%) como a principal causa da não-adesão à prática dos esportes envolvidos no estudo, como atividade de lazer, contabilizando 99 pontos.

A causa “falta de motivação” foi apontada como a segunda causa mais citada (15%) neste local, alcançando 44 pontos. As questões “falta de incentivo à prática esportiva na infância/adolescência”, “falta de companhia” e “falta de oportunidade” obtiveram a mesma freqüência relativa (13%), sendo que as duas primeiras

somaram 38 pontos e a última alcançou 37 pontos. A questão referente aos “fatores econômicos” foi citada em seguida (11%) e somou 32 pontos.

Gráfico 7: Frequência das Respostas - Copacabana



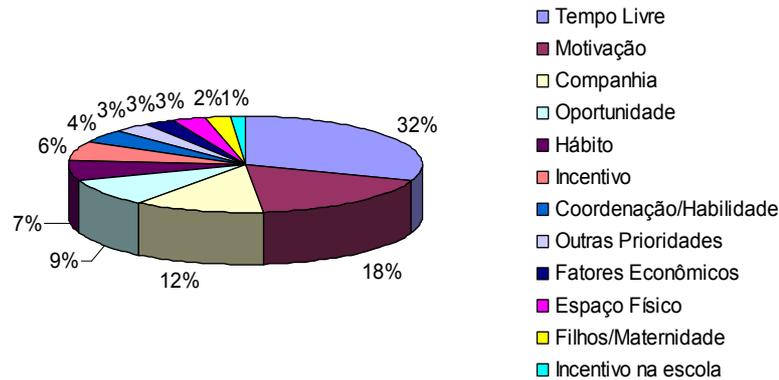
No gráfico 8 estão representadas as causas mais pontuadas pelas voluntárias para a não-adesão à prática de esportes tradicionais com bola entre todos os locais visitados.

Das 21 questões que compuseram o questionário a “falta de tempo livre” foi a que obteve maior frequência relativa (32%) somando, no geral, 600 pontos. A “falta de motivação” foi indicada como a segunda principal causa da não-adesão destas mulheres (18%), aos esportes relacionados nesta pesquisa, alcançando 346 pontos. Esta foi seguida da causa “falta de companhia” (12%), que somou 233 pontos e, posteriormente, da “falta de oportunidade” (9%), com 181 pontos. A questão “falta de aquisição do hábito na infância/adolescência” (6%) aparece na lista das seis mais citadas com 133 pontos, assim como a “falta de incentivo” que somou 127 pontos.

As frequências relativas das questões referentes à “falta de coordenação/habilidade” (4%), “compromisso prioritário com as atividades domésticas”, “fatores econômicos” e “espaço físico...” (3%) mostraram baixa frequência atingindo 87, 61, 59 e 58 pontos, respectivamente. As questões menos

citadas foram “filhos/maternidade” (2%) e a “falta de incentivo na escola” (1%) e somaram, respectivamente, 42 e 28 pontos.

Gráfico 8: Frequência Geral – As Causas mais Pontuadas



Nos gráficos 9 e 10 estão citadas as seis e três causas mais pontuadas pelas voluntárias para a não-adesão à prática de esportes tradicionais, coletivos e terrestres com bola, respectivamente.

Gráfico 9: As seis causas mais pontuadas

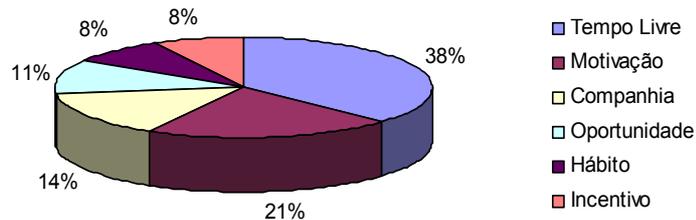
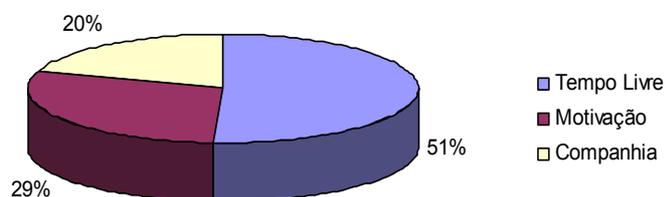
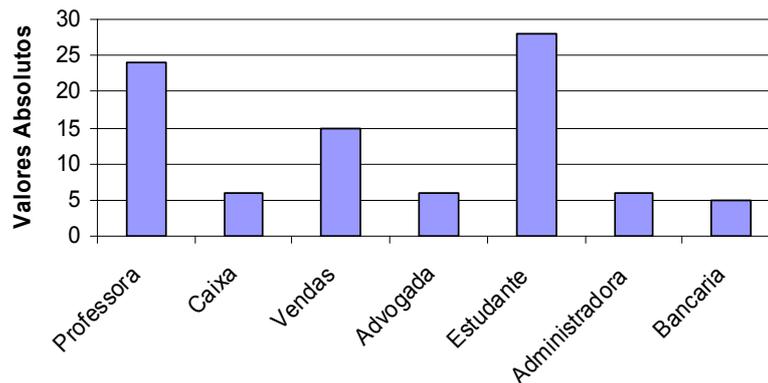


Gráfico 10 – As três causas mais pontuadas



O gráfico 11 demonstra, em valores absolutos, as profissões mais citadas entre as voluntárias deste estudo. Nela pode-se constatar que a maior frequência foi a de estudantes, seguida da profissão de professoras.

Gráfico 11: Frequência das Profissões - As Mais Citadas



Os resultados do Teste de Kruskal-Wallis (Tabela 1) mostraram que não houve diferença significativa entre as três causas principais indicadas como responsáveis pela não-adesão à prática de esportes tradicionais com bola nos seis shoppings e no bairro de Copacabana.

Tabela1: Resultados do Teste Kruskal-Wallis

Respostas	gl	p-valor
Tempo Livre	6	0,42
Oportunidade	4	0,40
Coordenação/Habilidade	2	0,36
Companhia	5	0,41
Motivação	6	0,42
Outras Prioridades	1	0,31
Incentivo	2	0,36
Hábitos	3	0,39
Espaço Físico	1	0,31
Fatores Econômicos	1	0,31

p <0,05

Os resultados do teste *Qui*-quadrado (Tabela 2) demonstraram que os percentuais anteriormente destacados não foram significativos, ou seja, a possibilidade de respostas ao acaso não foi nula. É imperativo considerar que tais resultados eram esperados, pois a construção do instrumento permitiu grande subjetividade, o que fatalmente impossibilitou uma avaliação mais precisa por permitir a possibilidade de indução das respostas.

Tabela 2: Resultado do Teste *Qui*-Quadrado

Respostas	gl	p-valor
Tempo Livre	6	1,00
Oportunidade	3	0,89
Coordenação/Habilidade	2	1,00
Companhia	5	1,00
Motivação	6	1,00
Outras Prioridades	1	1,00
Incentivo	1	0,56
Hábitos	2	0,77
Espaço Físico	1	1,00
Fatores Econômicos	1	1,00

p<0,05

CAPÍTULO V

Conclusões e Recomendações

Mesmo distante da supremacia masculina no cenário físico-esportivo, a mulher, ao longo do tempo, vem aderindo progressivamente às práticas esportivas como forma de lazer, em busca de maior representatividade no cenário sócio-esportivo.

A partir de investigações preliminares quanto ao quantitativo de esportistas de ambos os sexos, nas dimensões sociais do esporte lazer, educacional e escolar e de desempenho, percebeu-se que a maior adesão ocorre por parte do contingente masculino. Diante deste quadro delineou-se o problema do estudo, que teve como objetivo geral identificar as principais causas da não-adesão feminina, com idade entre 20 e 35 anos, aos esportes tradicionais, coletivos e terrestres com bola (futebol, basquete, vôlei e handebol), como forma de lazer.

Para melhor compreender as respostas procuradas, foram determinados cinco objetivos específicos que, por meio de aprofundamentos realizados com base nas abordagens dos autores referenciados, forneceram o suporte necessário à elucidação das questões que permearam o estudo.

No primeiro objetivo específico ficou delineada a trajetória histórica da condição sócio-esportiva feminina. A frágil relação feminina com o esporte, sempre permeada pela exclusão, discriminação e preconceitos que ainda se verificam nas relações entre os gêneros.

O segundo objetivo evidenciou aspectos sócio-culturais históricos nas relações entre os gêneros, inclusive a sexualidade, que levaram a mulher à submissão em relação ao homem em diferentes períodos, com o aval da igreja, do

patriarcado e da política e que contribuíram para o distanciamento feminino em relação ao esporte lazer verificado ainda hoje.

O terceiro objetivo originou-se a partir das influências que estas instituições exerceram e exercem nas relações entre os gêneros: o poder, mantido ao longo do tempo como instrumento determinante para a exclusão sócio-esportiva feminina. Tudo aquilo que era permitido ou conveniente à mulher era consumado sob a égide do poder, num constructo sócio-cultural não inclusivo.

É importante ressaltar que a mídia também guarda estreita relação com o poder, pois através do discurso, desempenha função determinante ao influenciar as pessoas quanto à aquisição de bens, produtos e serviços ou práticas corporais da moda. Reside então no corpo, veiculado pela mídia, as condições preestabelecidas acerca do estereótipo corpóreo ideal, que muitas vezes nega à mulher o direito à inserção sócio-esportiva, por esta não estar em acordo com os padrões corporais pré-concebidos.

Neste sentido, os meios de comunicação deveriam, ao contrário, conclamar a mulher às práticas esportivas, independente do seu perfil estético, num endosso à cultura corporal por meio da prática de atividades físicas e/ou esportivas.

O quarto objetivo específico permitiu destacar a intervenção dos organismos internacionais, nacionais e de intelectuais na promoção do esporte e da educação física com suas leis, manifestos e resoluções que, entre outros aspectos, destacam a importância do esporte, do lazer como instrumentos de extinção da discriminação feminina.

Finalmente, como quinto e último objetivo específico, o estudo verificou, dentre as questões indicadas para a não-adesão feminina ao esporte lazer, quais as causas mais freqüentes apontadas pelas mulheres entrevistadas.

A partir da análise dos resultados obtidos neste estudo, foi possível concluir que fatores como a “falta de tempo livre”, a “falta de motivação” e a “falta de companhia” – as três causas mais assinaladas no quadro geral - contribuem para a não-adesão de mulheres aos esportes tradicionais, coletivos e terrestres com bola abordados nesta pesquisa.

As considerações de Mourão (1998) revelaram que, no passado, a industrialização e a conseqüente melhora do nível de vida possibilitaram à mulher desfrutar de hábitos modernos e maior tempo livre para as atividades de lazer.

No entanto, as informações trazidas por Myotin (*in*: ROMERO, 1995) dão conta de que, nos dias de hoje, interesses e conflitos com outras atividades são os maiores responsáveis pela interrupção da prática esportiva por parte dos adolescentes; e que, com o avanço da idade, estes têm menos tempo livre e mais oportunidades e interesses em relação às práticas não-atléticas. Resumindo, a autora infere que, sob esse ponto de vista, “o abandono da prática esportiva pode ocorrer em virtude dos interesses por atividades não-atléticas e falta de tempo disponível”.

A interpretação dos dados obtidos, aliada ao suporte extraído da literatura na qual o estudo se apoiou, nos permite a interpretação de que a falta de tempo livre, devido às obrigações profissionais, sociais e familiares, que a vida moderna impõe, distanciam a mulher da prática esportiva como forma de lazer, pois este ocorre principalmente durante o tempo livre e após o cumprimento de tais obrigações.

Tubino (2001) corrobora este quadro ao informar que o esporte popular está estreitamente relacionado com o lazer e o tempo livre por ocorrer fora das obrigações da vida diária e objetivar a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e a socialização entre as pessoas.

A falta de tempo livre pode, deste modo, gerar em um grande número de mulheres a desmotivação que, por sua vez, pode estar associada à falta de companhia.

O estudo revelou que estas causas constituem-se, então, num conjunto de fatores que atuam em cadeia e que, aliados às outras causas que mereceram destaque nesta jornada científica, como a falta de oportunidade, falta de aquisição do hábito na infância/adolescência e a falta de incentivo à prática esportiva na infância/adolescência, contribuem para a exclusão sócio-esportiva feminina.

Desta forma, é necessário que ações amplas e efetivas sejam implementadas no sentido de promover uma maior adesão de mulheres às práticas físico-esportivas, a partir de iniciativas do poder público que fomentem o esporte nos âmbitos educacional, social e do lazer. Por outro lado, a práxis do profissional de educação física no ambiente escolar deve incentivar a prática esportiva entre as meninas, de modo que se incorpore cada vez mais na rotina das jovens e adolescentes o hábito da prática esportiva, a ser consolidado na idade adulta, junto à população, numa cultura voltada para a saúde através da prática de esportes para uma melhor qualidade de vida.

Portanto, recomenda-se que novos estudos e investigações sejam realizados junto à população, independente da diversidade cultural entre as classes sociais dos diferentes bairros e comunidades da cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de detectar que fatores seriam relevantes para uma efetiva adesão feminina à prática esportiva e, por outro lado, que motivos contribuem para a não-adesão feminina aos esportes envolvidos nesta pesquisa.

Embora esta dissertação de mestrado tenha identificado como principais causas do impedimento feminino ao esporte, como forma de lazer, a falta de tempo

livre, a falta de motivação e a falta de companhia, outras vertentes abordadas nesta empreitada, por atuarem em rede, contribuem de forma determinante para a exclusão feminina dos esportes e abrem novas possibilidades para futuras pesquisas.

Anseio observar habitualmente, tanto no ambiente escolar quanto nos projetos sócio-esportivos, nos espaços públicos ou nos clubes e onde mais houver manifestações esportivas abrangidas pelas dimensões sociais do esporte, - classificadas por Tubino (2001) como educacional, escolar, lazer e desempenho - ações que efetivamente conduzam a mulher a incorporar a prática esportiva em sua rotina de lazer e assim favorecer o surgimento e a consolidação de uma nova cultura esportiva, na forma despretensiosa que o lazer proporciona.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Luiza Klein. *In*: Antonio Carlos Simões (org.) - **Mulher e Esporte** - mitos e verdades – Barueri, São Paulo: Manole, 2003, p. 35-47. Cap. 2.

BARBOSA, Rui. **Obras Completas de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947. V: 10.

BELTRÃO, Fernanda Barroso (org.). **Produção em ciência da motricidade humana** (PROCIMH/1999). Rio de Janeiro: Shape, 2000.

BERESFORD, H. **Valor**: Saiba o que é. Rio de Janeiro: Shape, 1999.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Rio de Janeiro: Papirus, 1986.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Código de Ética**, CONFEF / CREF. 6ª ed. Brasil, 2003.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Carta Brasileira de Educação Física**, CONFEF. Brasil, 2000.

COSTA NETO, P.L.O. **Estatística**. São Paulo: Edgard Blücher, 2002.

FÉDÉRATION INTERNACIONALE D'ÉDUCATION PHYSIQUE. **Manifesto FIEP**: Paris, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir**: historia da violência nas prisões. 27 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

GOMES, Euza M. P. F. **Atividades Físico-Desportivas de Mulheres da Elite Carioca, 1900 a 1980**. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1998.

HOBBSAWN, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INSTITUTOPEREIRA PASSOS (IPP). Disponível em:< <http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/renda>>. Acesso em 26 jul 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo escola e identidade**. In: Educação & realidade. Porto alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, V.25, n.2 jul./dez.de 2000, p.59-75.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. 8. ed. São Paulo: Nacional, 1981.

MOURÃO, Ludimila. **A Imagem da Mulher Esportista nos Jogos da Primavera dos anos 50**. In: VOTRE, S. (org.). A Representação Social da Mulher na Educação Física e no Esporte. Rio de Janeiro. Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1997, p. 61-77.

_____. **A Representação Social da Mulher Brasileira na Atividade Físico-Desportiva: Da Segregação à Democratização**. 1998. 308 f. Tese (Doutoramento) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

MYOTIN, Emmi. **A Participação da Adolescente Brasileira em Esportes e Atividades Físicas como Forma de Lazer: Fatores Psicológicos e Sócio culturais**. In: ROMERO, E. (org.) *Corpo, Mulher e Sociedade*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995, p. 177-197.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Carta Internacional da Educação Física e Desportos: 20ª Reunião da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura**: Paris, 1978.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: Educação & realidade. V.20, n.2 jul/dez 1995. Porto alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, p. 71-99.

SIEBERT, Raquel Stela de Sá. **As relações de saber-poder sobre o corpo**. In: ROMERO (org.) *Corpo, Mulher e Sociedade*. - Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995. p. 15-42.

THOMAS, Jerry R. e NELSON, Jack K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TUBINO, M. J. G. **O Que É Esporte**, 1ª reimpr. 1ª ed. 1993, São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. **Dimensões sociais do esporte.** São Paulo: Cortez. 2ª ed. Revista, 2001.

_____. **500 Anos de Legislação Esportiva Brasileira – Do Brasil-Colônia ao Início do Século XXI,** Rio de Janeiro: *Shape*, 2002.

WORLD LEISURE RECREATION ASSOCIATION. Associação Mundial de Lazer e Recreação – 5º Congresso Mundial de Recreação e Lazer, 1998.

BIBLIOGRAFIA

APPLE, Michael W., **Power, meaning and identity: essays**. In: *critical educational studies*. New York: Peter Lang, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. Cap. 4.

CHARTE EUROPÉENNE DU SPORT & CODE D'ETHIQUE SPORTIVE. Paris: 2001.

COLWIN, Cecil M. **Nadando para o século XXI**. São Paulo: Manole, 2000.

DAIUTO, M. B. **Basquetebol: Metodologia do Ensino**. 5ª ed. São Paulo: Brasipal, 1983.

DE MASI, Domenico. **O Ócio Criativo** (Entrevista a Maria S. Palieri). (trad. Léa Manzi). Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE HOMENS E MULHERES EM OLIMPÍADAS. Disponível em: <<http://www.esporte.uol.com.br/olimpiadas/todasolimpiadas>> Acesso em 03 jun 06.

FARIA JR., A. G. **Futebol, questões de gênero e co-educação**: algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural. Revista de Campo: Futebol e Cultura Brasileira, v.2, 1995.

FERREIRA, Aluísio Elias Xavier. **Basquetebol: técnicas e táticas**. Uma abordagem didático-pedagógica. São Paulo: EPU, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI**: O minidicionário da língua portuguesa. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GOELLNER, Silvana V. **Pode a mulher praticar futebol?** In: CARRANO, Paulo C. (org.). Futebol: paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MASSUCATO, José Geraldo. **Preferências de práticas esportivas dos estudantes do 1º grau nível II e 2º grau**. Revista Paulista de Educação Física, n.2. São Paulo: 1988.

MARIZ DE OLIVEIRA, J. G. **Educação Física e Esportes no Ensino Superior**. In: Educação Física e Esportes na Universidade. Brasília: SEED-MEC/UNB, 1988.

MEDALHA, J. e BORSARI, S. **Basketball. Manual de Educação Física**. São Paulo: EPU, 1975. 2º vol.

NEUMANN, Erich. **A Grande Mãe. Um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente**. São Paulo: Cultrix, 2003.

PEREIRA, Flávio M. **A dialética da cultura física**. São Paulo: Ícone, 1988.

PINHEIRO, Cláudia. **A Mulher e a Prática Desportiva durante o Estado Novo**. Portugal: Instituto Superior da Maia, 2002.

REIS, Jaime Werner. **A natação na sua expressão psicomotriz**. 2. ed. Porto Alegre: D.C. Luzzatto, 1987.

ROCHA FERREIRA, M. B. **A mulher e esporte**: Uma abordagem histórico-antropológica [Resumo]. V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Coletânea. Maceió: 1997.

SAMULSKI, D. **Psicologia do Esporte: teoria e aplicação prática**. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, UFMG, 1995.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. **Multieducação**: Núcleo curricular básico. Rio de Janeiro: 1986.

SOCIEDADE DAS CIÊNCIAS ANTIGAS. **Os Sete Planetas e os Deuses Gregos**. Disponível em: <<http://www.sca.org.br/artigos/SetePlanetas.pdf>>. Acessado em 11 jan. de 2005.

TAFFAREL, C. N. Z. e FRANÇA, T. L. **A mulher no esporte**. In: Revista brasileira de ciências do esporte, 1996.

TUBINO, M. J. G. **As teorias da educação física e do esporte**: uma abordagem epistemológica. São Paulo: Manole, 2002.

VOTRE, Sebastião (org.). **A representação social da mulher na educação física e no esporte**. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1996.

ANEXOS

MODELO DE CARTA

Sr.(a) Validador (a)

Solicito a sua colaboração, no sentido de validar o documento que será utilizado como instrumento de pesquisa para dissertação de mestrado.

O referido estudo tem como título “A mulher e os esportes tradicionais coletivos com bola: estudo sobre as causas da não adesão de mulheres, entre 20 e 35 anos, aos esportes futebol, voleibol, basquete e/ou handebol, tendo como consequência um menor percentual numérico de mulheres praticantes de esportes, no âmbito do lazer, em relação aos homens”. O instrumento tem como objetivo verificar a relação das possíveis causas da não adesão.

Neste sentido, foram elaboradas 2 questões primordiais para que o sujeito atenda aos objetivos do estudo.

Foram listadas 23 causas hipotéticas que serão utilizadas como referencial nesta validação dos motivos possíveis que contribuem para a não adesão feminina ao esporte como forma de lazer.

Assim, para obter-se a opinião sobre os documentos, em relação às questões a serem respondidas, pedimos ao Sr.(a) que verifique a coerência, a clareza e a validade do quadro apresentado (questões e causas). Em anexo, segue uma folha dirigida para a emissão do seu parecer em relação a cada uma das perguntas. Caso concorde com a pergunta, marque um X na opção (M) MANTER, caso discorde, marque (R) RETIRAR ou (RE) REFORMULAR sugerindo a alteração no espaço abaixo.

Antecipadamente, agradeço a valiosa colaboração.

Zander Ribeiro Wanderley Lins

FICHA DE VALIDAÇÃO DO ESTUDO

DADOS PESSOAIS

Nome: _____

Área de Atuação: _____ E-mail _____

Grau de Especialização: _____

Endereço: _____ CEP: _____

Bairro: _____ Município: _____

Local de trabalho: _____

VALIDAÇÃO DO INSTRUMENTO – CAUSAS DA NÃO ADESÃO FEMININA ÀS PRÁTICAS ESPORTIVAS.

Marque um X na opção (M) MANTER, se concordar com a definição, marque (R) RETIRAR, caso descorde ou marque (RE) REFORMULAR, sugerindo a reformulação no espaço abaixo.

CAUSAS	VALIDAÇÃO DO ESTUDO
1- Falta de tempo livre	(M) (R) (RE)
2- Falta de incentivo à prática esportiva na infância/adolescência	(M) (R) (RE)
3- Falta de aquisição do hábito na infância/adolescência	(M) (R) (RE)
4- Falta de informação	(M) (R) (RE)
5- Falta de oportunidade	(M) (R) (RE)
6- Falta de incentivo na escola	(M) (R) (RE)
7- Discriminação contra a mulher no esporte	(M) (R) (RE)
8- Compromisso prioritário com as atividades domésticas	(M) (R) (RE)
9- Fatores econômicos	(M) (R) (RE)
10- Dificuldades de espaços físicos próximos	(M) (R) (RE)
11- Filhos/maternidade	(M) (R) (RE)
12- Predominância da preferência pela estética	(M) (R) (RE)
13- Violência no esporte	(M) (R) (RE)
14- Falta de motivação	(M) (R) (RE)
15- Falta de companhia	(M) (R) (RE)
16- Falta de políticas públicas	(M) (R) (RE)
17- Posições contrárias da família	(M) (R) (RE)
18- Traumas esportivos na infância	(M) (R) (RE)
19- orientação religiosa contrária	(M) (R) (RE)
20- Doenças graves anteriores	(M) (R) (RE)
21- Exemplos negativos pelos professores	(M) (R) (RE)
22- Falta de coordenação/habilidade	(M) (R) (RE)
23- Falta de segurança pública	(M) (R) (RE)

Antecipadamente agradeço a colaboração.

Zander Ribeiro W. Lins

SUGESTÕES:

1

2

3

4

OBS:

**INSTRUMENTO PARA APLICAÇÃO JUNTO AO SUJEITO
(QUESTIONÁRIO)**

DADOS PESSOAIS

Nome: _____ Profissão: _____

Idade entre 20 e 35 anos: () sim

2ª VALIDAÇÃO DO INSTRUMENTO – CAUSAS DA NÃO ADESÃO FEMININA ÀS PRÁTICAS ESPORTIVAS.

Marque as 6 principais causas da sua não-adesão aos esportes tradicionais coletivos com bola (futebol, basquete, vôlei e handebol) como lazer, numa escala de importância da 1ª à 6ª questão.

CAUSAS	VALIDAÇÃO DO ESTUDO
1- Falta de tempo livre	
2- Falta de incentivo à prática esportiva na infância/adolescência	
3- Falta de aquisição do hábito na infância/adolescência	
4- Falta de informação	
5- Falta de oportunidade	
6- Falta de incentivo na escola	
7- Compromisso prioritário com as atividades domésticas	
8- Espaços físicos para a prática com acesso difícil	
9- Filhos/maternidade	
10- Acredita que tais práticas tornem o corpo anti-estético	
11- Violência nas práticas esportivas	
12- Falta de motivação	
13- Falta de companhia	
14- Falta de políticas públicas	
15- Falta de incentivo da família	
16- Experiências negativas na infância e adolescência	
17- Orientação religiosa contrária	
18- Doenças graves anteriores	
19- Fatores econômicos	
20- Falta de coordenação motora/habilidade	
21- Falta de segurança pública	

Agradeço a colaboração.

Zander Ribeiro W. Lins

TABELA DE INCIDÊNCIA DE CAUSAS

CAUSA	1	2	3	4	5	6
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
10						
11						
12						
13						
14						
15						
16						
17						
18						
19						
20						
21						

Oficina de clubes escolares da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro

QUANTITATIVO DE PRATICANTES DE ESPORTES DE AMBOS OS SEXOS EM CLUBES ESCOLARES								
FUNDÃO		C.E LEA OLIVA		ZIZINHO		RIO DAS PEDRAS		
2005								
	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas
Futebol	76	4	254	0	237	0	187	3
Voleibol	35	40	52	28	62	67	81	37
Handebol	27	12	127	50	13	9	19	27
Basquete	0	0	41	6	11	21	24	20
TOTAL	138	56	474	84	322	97	321	87

2006

Futebol	60	2	21	23				
Voleibol	46	44	15	9				
Handebol	22	15	46	23				
Basquete	0	0	20	2				
TOTAL	128	61	82	57				

Fonte: Clubes escolares

CLUBE ESCOLAR PROF^a. LÉA OLIVA

Rua Lopes Trovão, 287 - Benfica - Telefone: 3895 2209

Coordenador: Myrian Oliveira Kauffmann

1ª Coordenadoria Regional de Educação

QUADRO DE OFICINAS – 2008

OFICINA	Faixa etária	SEM.	MASC.	FEM.	TOTAL
FUTSAL	7 a 9 anos	1º	24	01	25
		2º	25	-	25
	10 a 12 anos	1º	21	-	21
		2º	23	-	23
	12 a 14 anos	1º	19	01	20
		2º	22	02	24
VOLEI	10 a 15 anos	1º	27	12	39
		2º	25	16	41
BASQUETE	10 a 15 anos	1º	19	03	22
		2º	22	03	25
HANDEBOL	9 a 11 anos	1º	18	02	20
		2º	18	03	21
	10 a 15 anos	1º	46	22	68
		2º	45	23	68
FUTEBOL	7 a 9 anos	1º	52	-	52
		2º	58	-	58
	10 a 12 anos	1º	47	-	47
		2º	45	-	45
	12 a 15 anos	1º	26	-	26
		2º	26	-	26

QUADRO DE OFICINAS – 1º Trimestre de 2008

OFICINA	FAIXA ETÁRIA	MASC.	FEM.	TOTAL
FUTSAL	7 a 9 anos	23	-	23
	10 a 12 anos	44	01	45
	12 a 14 anos	32	01	33
VOLEI	10 a 15 anos	15	09	24
BASQUETE	10 a 15 anos	20	02	22
HANDEBOL	8 a 11 anos	29	13	42
	12 a 15 anos	17	10	27
FUTEBOL	7 a 9 anos	21	-	21
	10 a 12 anos	23	-	23

XIV Jogos Estudantis 2008

Quantitativo de escolas e equipes inscritas nos esportes de quadra

MODALIDADES	SEXO	TOTAL	TOTAL PARA MODALIDADE
FUTSAL	M	718	917
	F	199	
HANDEBOL	M	189	506
	F	317	
BASQUETE	M	77	112
	F	35	
VOLEIBOL	M	121	204
	F	83	
ATLETISMO	M	445	862
	F	417	
NATAÇÃO	M	73	146
	F	73	
TÊNIS DE MESA	M	102	171
	F	69	
XADREZ	Misto	171	171

Fonte: Secretaria Municipal de Educação (SME) – Rio de Janeiro

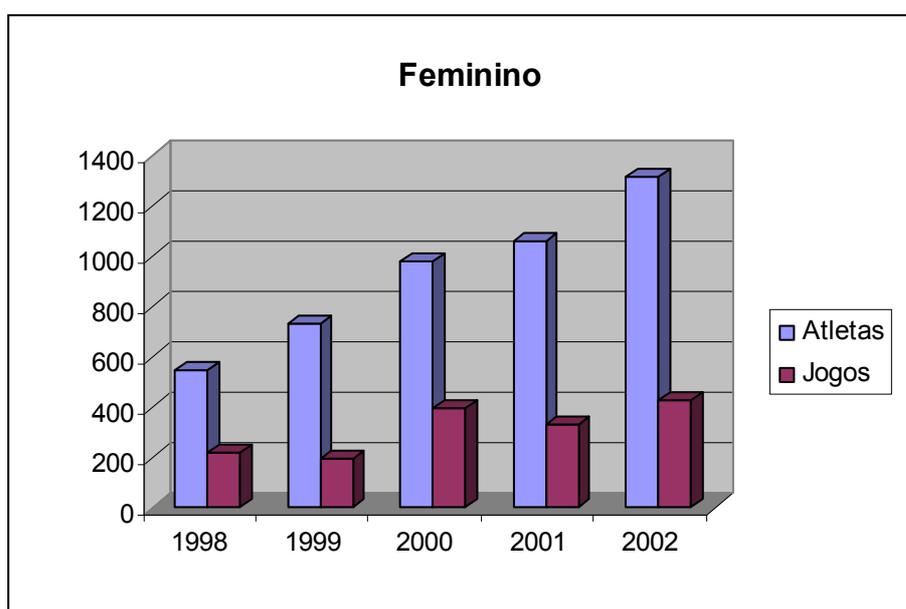
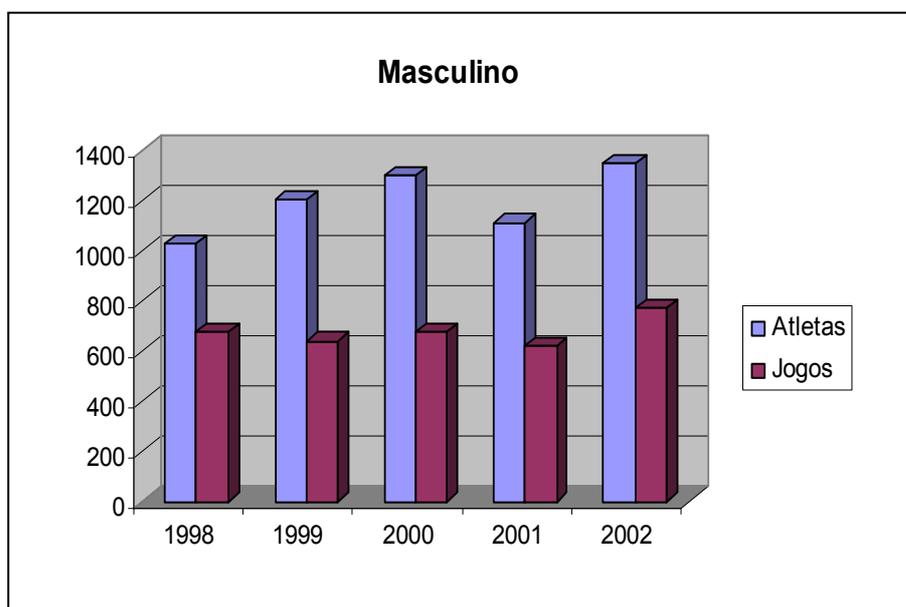
XIV Jogos Estudantis 2008

Quantitativo de escolas e equipes inscritas nos esportes de quadra

MODALIDADES	SEXO	TOTAL	TOTAL PARA MODALIDADE
FUTSAL	M	799	1074
	F	275	
HANDEBOL	M	236	558
	F	322	
BASQUETE	M	93	149
	F	56	
VOLEIBOL	M	117	208
	F	91	
ATLETISMO	M	542	1037
	F	495	
NATAÇÃO	M	81	161
	F	80	
TÊNIS DE MESA	M	137	214
	F	77	
XADREZ	Misto	132	132

Fonte: Secretaria Municipal de Educação (SME) – Rio de Janeiro

Federação de Basquetebol - Evolução 1998 / 2002



Fonte: Federação de Basquete do Estado do Rio de Janeiro (FBERJ)

Participações da Federação de Handebol do Estado do Rio de Janeiro nas competições do Rio de Janeiro – 2003

PROMOTOR	COMPETIÇÃO	MASCULINO		FEMININO		TOTAIS	
		Equipe	Atletas	Equipe	Atletas	Equipe	Atletas
SUDERJ	JEEP	51	714	50	700	101	1414
	Categoria A	22	308	21	294	43	602
	Categoria B	29	406	29	406	58	812
	JEPAR	40	720	47	846	87	1566
	Categoria A	25	450	30	540	55	990
	Categoria B	15	270	17	306	32	576
	JAI	24	480	22	440	46	920
GLOBO	Intercolegial	72	1296	72	1296	144	2592
	Categoria Jovem	36	648	36	648	72	1296
	Categoria Livre	36	648	36	648	72	1296
NESTLÉ	Categoria Única	60	1080	60	1080	120	2160
FEURJ	Universitário	6	120	5	100	220	220
FHERJ	Estaduais	500	1100	22	460	72	1560
	Infantil	10	220	5	125	15	345
	Cadete	10	220	6	150	16	370
	Juvenil	8	176	5	125	13	301
	Júnior	6	132			6	132
	Adulto	6	132			6	132
	Circuito Praia	10	90	6	60	16	150

Fonte: Federação de Handebol do Estado do Rio de Janeiro (FHERJ).

Projetos esportivos desenvolvidos nas Vilas Olímpicas da cidade do Rio de Janeiro de 2008

Modalidade	Mestre André	Clara Nunes	Ary Carvalho	Carlos Castilho	Maré	Oscar Schmidt	Miécimo	Cidade Das Crianças	Gambôa	Deodoro	Total
FUTEBOL	54	9	18	24	94	65	53	4	0	0	312
VÔLEI	91	90	23	47	10	32	22	0	0	0	315
HANDEBOL	43	17	0	0	11	8	16	0	0	0	95
BASQUETEBOL	50	36	30	47	13	12	12	1	0	0	201
2006											
MODALIDADE	Mestre André	Clara Nunes	Ary Carvalho	Carlos Castilho	Maré	Oscar Schmidt	Miécimo	Cidade Das Crianças	Gambôa	Deodoro	Total
FUTEBOL	44	45	27	0	54	71	156	0	29	23	449
VÔLEI	22	13	12	5	8	38	48	0	7	6	159
HANDEBOL	0	2	0	10	10	11	32	0	0	5	70
BASQUETEBOL	24	8	24	23	9	18	39	0	5	0	150

Fonte: Secretaria Municipal de Esportes e Lazer, RJ.

QUADRO DA EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE HOMENS E MULHERES EM OLIMPIADAS					
LOCAL	ANO	PAÍSES	TOTAL ATLETAS	HOMENS	MULHERES
GRECIA - Atenas	1896	14	311	311	
FRANÇA - Paris	1900	24	1225	1206	19
EUA – St Louis	1904	13	689	689	8
INGLATERRA - Londres	1908	22	2035	1999	36
SUECIA - Estocolmo	1912	28	2547	2490	57
BELGICA- Antuérpia	1920	29	2669	2591	78
FRANÇA - Paris	1924	44	3092	2956	136
HOLANDA - Amsterdã	1928	46	3014	2724	290
EUA –Los Angeles	1932	37	1408	1281	127
ALEMANHA - Berlim	1936	49	4066	3738	328
INGLATERRA - Londres	1948	59	4066	3738	328
FINLANDIA - Helsinque	1952	69	4925	4407	518
AUSTRALIA - Melbourne	1956	67	3184	2813	371
ITALIA – Roma	1960	83	5348	4738	610
JAPAO – Tóquio	1964	93	5140	4457	683
MEXICO	1968	112	5530	4750	780
ALEMANHA - Munique	1972	121	7123	6065	1058
CANADA - Montreal	1976	92	6028	4781	1247
RUSSIA - Moscou	1980	80	5217	4093	1124
EUA – Los Angeles	1984	140	6797	5230	1567
COREIA - Seul	1988	159	8465	6279	2186
ESPANHA - Barcelona	1992	169	9367	6659	2708
EUA - Atlanta	1996	197	10318	6806	3512
AUSTRALIA - Sidney	2000	199	10651	6582	4069

Fonte: <http://www.esporte.uol.com.br/olimpiadas/todasolimpiadas>; acesso em 03/06/06.

TABELA 877 - RENDIMENTO MENSAL MÉDIO DO RESPONSÁVEL DO DOMICÍLIO POR SEXO DO RESPONSÁVEL SEGUNDO AS REGIÕES ADMINISTRATIVAS (EM R\$ DE 2000) - 2000.			
REGIÕES ADMINISTRATIVAS	RENDIMENTO MENSAL MÉDIO		
	TOTAL	MASCULINO	FEMININO
Rio de Janeiro	1 246,46	1 395,73	973,35
IV Botafogo	2 580,29	3 066,05	1 982,50
V Copacabana	2 651,47	3 095,34	2 166,82
VIII Tijuca	2 224,45	2 579,03	1 703,38
XIII Méier	1 215,90	1 382,88	940,85
XV Madureira	798,98	907,00	613,29
XVI Jacarepaguá	1 117,61	1 266,29	800,02
XXIV Barra da Tijuca	3 590,18	4 008,63	2 400,84

Fonte: Instituto Pereira Passos (Tabela 877)

TABELA 879 - RENDIMENTO MENSAL MÉDIO ORIUNDO DO TRABALHO POR REGIÃO ADMINISTRATIVA E SEXO (EM R\$ DE 2000) - 2000		
REGIÕES ADMINISTRATIVAS	MASCULINO	FEMININO
Rio de Janeiro	R\$ 589,36	R\$ 252,59
IV Botafogo	R\$ 1.402,72	R\$ 657,84
V Copacabana	R\$ 1.295,17	R\$ 549,10
VIII Tijuca	R\$ 1.124,10	R\$ 465,16
XIII Méier	R\$ 591,17	R\$ 273,79
XV Madureira	R\$ 371,37	R\$ 160,92
XVI Jacarepaguá	R\$ 556,36	R\$ 238,82
XXIV Barra da Tijuca	R\$ 1.992,02	R\$ 661,81

Fonte: Instituto Pereira Passos (Tabela 879)

MODALIDADES	LOCAL	SEXO	TOTAL PARA MODALIDADE
Futsal	Aterro do Flamengo	M	70
		F	15
Basquete	Aterro do Flamengo	M	73
		F	8
Voleibol	Copacabana	M	10
		F	1
	Aterro do Flamengo	M	9
		F	7

Fonte: Observações diretas realizadas no dia 10/01/06.